

Mario Tessari



CRONICONTOS

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2013.

Mario Tessari
escreveu os textos.

Elisabeth Ghisi
criou a capa.

Mario Tessari
diagramou.

Mauro Tessari (CRB-14/002)
elaborou a **FICHA CATALOGRÁFICA**

Tessari, Mario

Cronicontos / Mario Tessari . – Jaguaruna : Edição do
Autor, 2013.
102p.

1. Contos catarinenses. I I. Título.

CDD 869.9301

O raio de sol carrega em si um arco-íris, que procura uma gota de água para, através dela, se abrir em cores.

De maneira similar, as palavras do escritor podem despertar as ideias que estão encriptadas nas mentes dos leitores. Ao passar pelo prisma de cada olhar, os pensamentos encontram diferentes experiências de vida que propiciam desvios de sentido, produzindo espectros de novas ideias.

Sumário

6	A ROSA QUE APARECEU
9	O GOSTO DO MAR
12	DETALHES IMPERCEBIDOS
15	A VIAGEM HUMANA
19	REENCARNAÇÃO
24	SONHO INTERROMPIDO
28	A SUPREMA JUSTIÇA
34	TEMOR DE DEUS
38	NATAL DA ESPERANÇA
42	EVANGELHO SEGUNDO SÃO MÁRIO
45	MINHA VIDA, VISTA DO 57º DEGRAU
49	O MOINHO QUE PIAVA
54	MÃE MULHER
57	CARTÃO DE ANIVERSÁRIO
61	A PERFEIÇÃO DE UM LAR IMPERFEITO
66	OS TRÊS DESEJOS
69	PROFESSOR DE HISTÓRIA
72	ENQUANTO EXISTIR
78	ECOLOGIA CULTURAL
82	A LUTA FAMILIAR
85	NOSSA PARTE
87	PAPAI ESTÁ VIVO
90	UMA MÃE PARA QUINZINHO
95	CAMPEÃO
98	A OVELHA QUE MORDEU O CACHORRO

A ROSA QUE APARECEU

Quando descí as escadas do condomínio, a Cida estava ajoelhada sobre a brita grossa que recobre o pátio do estacionamento. Parecia insensível à dor que, evidentemente, as pedras causavam em seus joelhos e cavava o chão batido com uma velha colher de pedreiro. No meio do buraco que havia aberto, estava um ramo enegrecido de roseira, em cujas pontas, algumas folhas muito verdes insistiam em brotar.

Aproximei-me com o respeito que se deve ter pela emoção intensa vivida por uma pessoa em sofrimento. Ela parecia ter esquecido que tinha joelhos e tentava salvar a roseira dos pisões dos automóveis. O local era bem em frente à entrada da garagem da Brasília dela. Perguntei:

- Cida, o que você está fazendo? Como se o que eu via não fosse suficiente para explicar a concentração com que ela cavava o cascalho.

Ela ergueu o rosto avermelhado pelo esforço e pelo calor daquele dia de mormaço e explicou com voz embargada:

- É uma rosa amarela; aqui era o meu jardim. Parece que ela ficou com saudade dos meus tratos e pôs as mãos para fora, me pedindo socorro.

Fiquei calado, reverente diante da profundidade da declaração. E ela continuou a cavar com dificuldade o chão pedregoso. Ofereci ajuda e ela aceitou, mais por impotência diante da tarefa muito difícil do que porque considerasse que eu teria o devido cuidado com a planta. Porém, percebendo que eu cavava com excessivo vigor e que a raiz avançava para a lateral do buraco, num movimento brusco, arrancou a ferramenta de minha mão.

Lembrei do luto que ela havia vivido, tempos antes, com a morte do papagaio da família. Passei algum tempo a contemplar aquele trabalho exaustivo e persistente. A ternura que ela sentia pela roseira de flor amarela estava toda esculpida naquele rosto afogueado. Comentei:

- Quando morreu o papagaio, você sofreu muito...

Ela parou repentinamente de cavar e fincou os olhos em mim.

- Eu gostava muito dele e sinto muita falta da algazarra que ele fazia.

Deixando ela com seus sentimentos e com sua roseira, fui cuidar da minha vida. Quando

retornei, ao final do dia, o buraco estava tapado e coberto de brita. Nem sinal da planta. Pensei o pior: que a haste fosse longa e, estando a raiz muito funda e muito fraca, tivesse se rompido.

Dias depois, quando indagada, mostrou um canteirinho com uma planta bem verde, rodeada de cascas de pêssago.

- Cida, ela gosta de pêssago?
- Pensei em algo que fizesse adubo pra ela. Por quê? Não pode ser?
- Ah! Se todas as pessoas se dedicassem à vida com tanto cuidado e com tanta ternura...

O GOSTO DO MAR

Antônio nasceu na serra, numa casa construída pela família, com a ajuda de outras pessoas dali. Logo que cresceu um pouco, ele também passou a ajudar as pessoas construírem suas casas. Fazia isso com prazer, porque seu corpo e seu espírito gostavam de atividade e de coisas novas, de coisas por aprender.

Da primeira vez, viu a casa como um todo e a construção como um trabalho só. Depois, percebeu que a casa está dividida em partes, que são construídas numa determinada sequência, durante determinado tempo. Assim, começou a pensar nas dimensões, na qualidade e no custo.

Antônio aprendia tudo sem esforço, porque entendia a razão de se construírem casas, porque sabia da necessidade de portas e de janelas e porque estava consciente da importância do alicerce.

Mas não aprendia apenas o que via.

Maria, moradora do lugar, teve oportunidade de viajar para o litoral e conheceu o mar. De volta, contou: O MAR É SALGADO. E todos,

crianças e adultos, puseram-se a pensar: Porque o mar é salgado? Quem teria jogado sal no mar? Quanto sal foi necessário? Há quanto tempo isso ocorreu?

Ao ver Maria, todos se lembravam do mar e dessas questões todas. Ela se tornou um SÍMBOLO de O MAR É SALGADO. Não foi preciso decorar, aprenderam isso naturalmente. Mas, havia muita curiosidade e nasceram muitas dúvidas. Planejavam ir até a praia, procurar respostas para suas perguntas. Passaram ainda a provar as coisas para ver se havia mais coisas SALGADAS ou, até mesmo, com outros sabores.

Porém, passou-se muito tempo - gerações inteiras - e o conjunto de casas tornou-se uma cidade grande, onde as pessoas não se conheciam e as casas eram construídas por empresas e não mais por pessoas. As crianças não mais ajudavam construir casas e delas não mais sabiam distinguir as partes, o início e o tempo de construção. Também, não pensavam mais por que eram construídas, de onde veio o material e quem o produziu.

Na escola, ensinavam uma lição invariável: O MAR É SALGADO. E, nas provas, perguntavam sempre: "Que gosto tem o mar?" e "Quem é salgado?" E, como ninguém conheceu Maria, a escola também ensinava que foi ela quem descobriu, em determinada data, que O MAR É SALGADO. Por isso, essas

informações também faziam parte do estudo; parte da História do Lugar.

As demais perguntas estavam proibidas e seria um sacrilégio alguém tentar separar o sal da água. Os conhecimentos do Livro Didático eram considerados suficientes. Para se estudar mais, bastava repetir várias vezes a mesma lição.

Foi então que as crianças perderam o gosto pela escola e, não tendo interesse no sabor de um mar que não conheciam, não conseguiam aprovação, repetindo, além das lições, o ano letivo. A maioria desistia da escola, porque ela não tinha vida, tratando apenas de coisas sem uso no dia-a-dia.

Nessa escola, as crianças só aprendiam a verdade dos outros; ficavam alienadas.

FPOLIS25SET95

Esse texto nasceu após a leitura da "SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO", de SONIA M. P. KRUPPA.

DETALHES IMPERCEBIDOS

A sala de jantar foi preparada com esmero; cada detalhe foi pensado, analisado, concretizado, avaliado e repensado para que fosse um jantar perfeito, sem falhas, desagrados ou críticas.

Foram dias de muito trabalho, de gastos elevados, de dúvidas sempre maiores a respeito de talheres, de iguarias, de aperitivos, de arranjos, ... Enfim, dias de muita responsabilidade para quem promove uma festa de tão elevado nível.

Com um certo alívio – por paradoxal que pareça – estava diante das mesas postas, dos ramalhetes sorridentes, das luzes brilhantes, dos talheres alinhados de acordo com a mais exigente das etiquetas. Esperava ansiosamente as primeiras pessoas a chegar.

Nisso, surge o Luiz, trajando descontraidamente um terno claro e pisando sapatos da cor do couro cru. Entrou gingando, sorridente e distraído. Caminhou até ela, aumentou o sorriso de forma a mostrar os dentes, proferiu os cumprimentos de praxe e

criticou as atitudes dos políticos, ‘esses safados’.

Que frustração! Nenhuma palavra sobre a disposição das mesas ou sobre o quadro caro que comprou – especialmente – para aquela ocasião. E dizer que fora o primeiro a chegar, tendo a vastidão da sala para analisar, quanto ao bom gosto, quanto à qualidade dos móveis ou quanto ao efeito da luz sobre as flores. Que ingratidão: convidado a devorar pratos saborosos em um ambiente requintado e não tecer um comentário, mesmo que ínfimo, sobre o que via...

Será que ele estava vendo? Talvez, tivesse um problema de vistas e nem fosse tão culpado pela gafe. Resolveu atacar por outro sentido e mandou iniciar a sequência de músicas escolhidas para minutos mais tarde. Mas, valia a pena antecipar o som, pois poderia ser auditivo o canal do primeiro convidado a chegar.

Sem resultados positivos... O rapaz nem notou a música... Talvez fosse meio surdo... vamos aumentar o volume... Nem assim...

Ainda bem que já chegava um casal vistoso, todo em brilhos. E logo outros casais, pessoas desacompanhadas, em grupos, em pilhas; todos sem percepção da beleza da sala, dos enfeites, dos talheres, das cadeiras aristocráticas, das rosas vermelhíssimas, das

músicas 'de bom gosto', de todo o trabalho que tivera para montar aquele espetáculo.

E a multidão chegou, conversou, comeu, devorou a sobremesa, sem ler as mensagens impressas nos guardanapos, tão finos e delicados. Que pessoas insensíveis! Usar o espaço para conversas quaisquer, abusar da hospitalidade, sem emitir os necessários elogios ao tempero da comida, o colorido das flores, o efeito acolhedor das luzes oblíquas, o tecido das toalhas de mesa e das cortinas e – principalmente – de não terem lido as mensagens sobre os guardanapos, que era de se esperar seriam guardados como recordação e como souvenir comprobatório de participação em tão fino jantar.

Qual nada. Limparam o batom, a gordura, o glacê, o sapato, as lágrimas, ... e amassaram sem piedade nem respeito aqueles guardanapos pensados, escritos e impressos com frase tão linda e filosófica. Havia deles pelo chão, pisados, esquecidos, intactos, desprezados, ... Além de não terem dado valor a outros tantos detalhes e grandiosidades que custaram tanto esforço, cuidado, esmero e ... dinheiro.

A VIAGEM HUMANA

Enquanto aguardávamos o ônibus, chegou um cavalheiro quarentão, coberto por um chapéu de feltro, que outrora fora preto. Vestia um terno antigo, de xadrez miúdo em tonalidades discretas da cor cinza, que o tempo se encarregou de misturar numa só. Nele, as formas e as cores combinavam sóbria e melancolicamente. Limpo, abotoado, quieto, ereto, reservado, altivo e sem brilho.

Por detrás dos óculos metálicos de aro metálico extremamente gasto e limpo, moviam-se olhos atentos e disfarçados. Avaliavam o ambiente; mediam cada pessoa com desconfiança.

Abraçava tenazmente uma maleta de cor indefinida, fechada por um cadeado de segredo numérico, como se nela estivessem guardadas todas as riquezas de que dispunha.

Quando o ônibus encostou na plataforma, embarcou sem pressa, sempre apertando sua bagagem contra o corpo. Acomodou-se na poltrona nove e nela se manteve estático, silencioso e compenetrado.

Na única parada para lanche, desceu como uma sombra, carregando consigo a maleta. Não se alimentou, não foi ao banheiro, nem se afastou do coletivo.

No restante da viagem, duas mulheres, sentadas numa das últimas poltronas, comentaram as atitudes do homem: Que estranha figura, soturna e enigmática! Quem seria? Qual o seu destino? Divagaram longamente sobre as possibilidades, alimentando a imaginação.

O que mais as excitava era a ansiedade com que ele apertava a maleta. O que teria dentro dela? Ouro, papéis, roupas íntima,... Que passageiro solitário e singular!

A viagem chegou ao fim.

Ele deixou calmamente o assento, sem contudo soltar a sua posse, nem desconstrair a fisionomia. Já na calçada, enquadrrou atentamente cada direção, analisando as pessoas, observando o entorno. O burburinho dos que iam e vinham à sua volta parecia não importar para aquele sinistro cavalheiro, cujo destino e objetivos permaneciam obscuros.

Plantou-se sobre o meio-fio; parecia uma estátua. Como fosse desconhecido de todos, logo brotaram inúmeros e inusitados comentários a respeito dele. A roupa roída, o olhar sombrio e distante. Onde teria vindo? Que veio fazer? Ou ia adiante? Por que não

falava, não pedia informações? Seria uma pessoa antiga do lugar, voltando depois de décadas? Quem sabe conhecesse a cidade melhor que eles, curiosos e ignorantes...

Porém, o que mais intrigava era o exagero com que apertava a maleta contra o corpo. Maleta com segredo e tudo. Certamente carregava coisas de valor. Num bar em frente, a rapaziada começou a apostar: era dinheiro, eram dólares... não, pela figura dele, nem deveria saber o que era um dólar. Drogas? Não. Pobre coitado, era do tempo que droga era coisa velha, imprestável, ruim.

Alguém garantia que ali estava o vestido de noiva, usado pela sua amada no dia do casamento. Só se o homem fosse maluco! Ouro, muito ouro. Claro! Por isso é que ele agarrava com tanta força a carga. Será um contrabandista? Pode estar disfarçado... Que nada, a mala está cheia de papéis, escrituras de fazendas, documentos pessoais, algumas cartas de amor...

Com certeza, dentro daquela pasta, havia um revólver bem grande, com o qual voltou para vingar alguma desavença antiga, matar algum inimigo ou dar fim em alguém que roubou a namorada, ainda nos tempos de rapaz.

De repente, o homem se mexeu. Olhou para todos os lados, depois caminhou por alguns metros ao lado do passeio. Novamente, parou sobre o meio fio, esperando que o trânsito

diminuísse. Por duas vezes tentou atravessar a calçada, mas recuou. Uma terceira vez avançou, agora resoluto, como se os carros que passavam não existissem, não importassem.

Os motoristas também não se importaram.

Aquele corpo esguio pareceu ainda mais leve, ainda mais frágil. Foi jogado com um enorme manequim de pano, flexível e elástico. A maleta se abriu com o impacto e voou sobre os carros, caindo aberta sobre o asfalto.

Quando as pessoas se aproximaram, o homem já estava morto, sem perder uma gota de sangue sequer.

E a maleta estava vazia. Não tinha fundo falso, nem nada. Completamente vazia.

REENCARNAÇÃO

A sala de aula era um ambiente quieto e estável, a voz modulava tranquila numa explicação qualquer. Aulas sempre calmas, o velho mestre atingira paz interior suficiente para ser admirado. Aos alunos, bastava a presença dele.

Mas, fora sempre miúdo, mais gordo que magro, tivera muitos cabelos lisos que caíram da calvície precoce. Diziam que casara um dia, há muito tempo, num lugar distante, o resto era mistério e lenda. Contava-se que a mulher, sendo fantasma, havia migrado para o outro mundo, como alma penada, com dívidas algures. De filhos não se falava e diziam ser impossível cruzar humanos com fantasmas.

Isso foi no passado. Depois, chegou a Suçurê, comprou o casarão e o encheu de livros políglotas, estudou as parapsicologias, as matemáticas e as astronomias e viveu eremita, recebendo como única visita a velha Pina, que limpava o chão e a roupa e se ia embora sem mais delongas.

Trajava-se sobriamente e cobria-se sempre com um chapéu de feltro; muitas vezes se fazia acompanhar de um guarda-chuva. Raramente cuidava do jardim ou mandava plantar aipim no resto do terreno que subia a noroeste

A caminho da escola, cumprimentava inclinando-se para homens e para mulheres, com o mesmo respeito e distância, sendo que jamais tivera paixão ou voltara-se para o sexo-oposto e mesmo ninguém pensava que se casasse ou arranjasse companheira.

E assim andava, sob olhares admirados, um homem pacato que recebia cartas em línguas estranhas e selos esquisitos, deixando a luz da biblioteca atingir a marca de 22 horas, como se fosse automática.

Na escola chegando, cumprimentava e era cumprimentado e lecionava e ia embora, tomando os livros silenciosamente, sem molestar ninguém.

Naquele ano, matriculou-se uma turma excepcional na primeira série do curso clássico: alunos conscientes e estudiosos, determinados a vencer sem tropeços todas as etapas da vida.

Havia, dentre eles, uma garota de olhar azul que ocupava a primeira fila, seguindo as aulas em silêncio acadêmico. Nada de anormal se passava, a não ser que, naquele ano, o

mestre se mostrava mais agitado e às vezes distante, como que em viagens além da mente.

Passou despercebido o interesse que ele dedicava à jovem, pela arguta discrição e pelo comprimento do olhar e porque mantinha os alunos sempre ocupados. Passou-se, assim, o tempo e não mais se comentava a solidão do professor e a falta de filhos, nem tampouco o desejo revelado de tê-los.

Ao passar do tempo, acrescentou-se o intumescimento intensivo do ventre da aluna da primeira fila, que já não acompanhava as aulas com a atenção inicial e sentia vertigens e andava tonta.

Em junho, chegou um frio úmido e ventante, trazendo consigo uma forte gripe que tomou conta da jovem, deixando-a debilitada e à mercê de estranhas sensações, como que visitas invisíveis e vozes misteriosas. Pessoalmente, se envolveu num drama existencial, sem que para isso lutasse ou mesmo contribuísse.

Levaram-na ao médico de óculos pendentes do nariz, que a auscultou, vasculhou e examinou minuciosamente. Fez-lhe perguntas terríveis e acusações medonhas, sem que nada comprovasse. Constatou-se a virgindade física e mental, apesar da gravidez. Inquiriu-se metade da classe, sendo que todos juraram

pureza e inocência, considerando ofensivas as acusações do médico.

Muito rezaram para afastar o mal, porém, inutilmente, porque o ventre ergueu-se imponente e a família rejeitou a desonra; os colegas se compadeceram dela e a apoiaram incondicionalmente.

A gestante recebia, com frequência, visitas dos colegas; uma visita da mestra de Botânica e várias visitas do professor, que acalmava os pais, recomendava cuidados e deixava algum dinheiro para alimentos nobres, necessários na circunstância. Eram visitas breves, quietas e respeitosas. Nem um gesto a mais, uma fraqueza sequer.

Numa das ocasiões, encontrou com o médico, a quem recomendou que atendesse, com desvelo e medicina, a aluna gestante, que seria logo mais uma parturiente desprezada pela comunidade.

Nasceu sadio o menino; choro forte e sucção gulosa, dormindo placidamente no restante do tempo. Embarço causava a semelhança gritante entre o recém-nascido e o professor, não respeitando nem mesmo a diferença de idades.

Levantou-se o tumulto, fizeram-se vozes, cochichos, alaridos. E os mesmos que o espeitavam, admiravam e, até, veneravam se uniram aos que o haviam invejado e o

odiavam e mais os indiferentes que se deixavam levar pelas massas.

Todos os passos longos raivosos caminhavam para o casarão. Juntaram paus e pedras das margens da estrada e gritavam violências, andando em bloco, enfurecidos, quase endemoniados.

Dormia o casarão a olhos fechados... a ferros. Poucos pardais ciscavam a calçada. O cão dormia sobre a pata esquerda, diante de sua casa.

Gritaram, bateram, ... Só o silêncio respondeu.

Arrombaram a porta e invadiram tudo e derrubaram livros e continuaram gritando.

No quarto, na cama desfeita, tinha um pijama deitado com os braços sobre os cobertores; um anel suspenso no ar e o travesseiro cavado por uma cabeça invisível.

Fizeram-se silêncios. Ergueram-se cabelos.

Um sopro de vento bateu a porta e o livro, que estava aberto sobre a estante, fechou-se lentamente. Infinita música chorava ao longe.

Passados vinte anos, a porta arrombada continua aberta, faltando coragem para alguém que a feche.

SONHO INTERROMPIDO

Chegamos a um outeiro verde e viçoso, coberto de pinheiros europeus, trepados na encosta noroeste. Adiante e ao redor, quebradas abruptas fechavam sobre o vale, como pregas de um corpo excessivamente gordo. Pisávamos uma estrada campestre, perfumada por abetos e amoreiras e avistávamos, a nossa frente e bem abaixo, uma casa rústica, razoavelmente velha e calada. A moça disse estar sua mãe saindo com um tal Laiantel, produtor de manteiga de leite de cabra, para uma visita pouco explicada a um membro qualquer da família.

Há muito, pretendíamos trocar um beijo e nos pareceram propícios o momento e a ocasião. Não me foi permitido fixar se era noite ou se era dia, apesar de contemplar as colinas e a casa e de ter avistado a carroça com dois cavalos brancos sardentos, transportando a enrugada mãe dela, por uma estrada íngreme a leste. Pareceu ser noite e finalmente era noite.

A moça disse não ser possível o enlace na casa materna, por ser suja, desagradável e inibidora, haja vista a má impressão que

guardava da genitora. Queria começar vida nova, libertar-se do jugo materno, da pesada obediência a coisas caducas e a ideais idiotas. Mostrou o curto e profundo vale, com um riacho cantante a serpentear por entre os pinheiros europeus. Considerei romântico e necessário todo vale e afirmei que, além da amplitude geográfica, mais teríamos a amplitude temporal, assim esquecidos e isolados. Olhamos para além do vale e a cadeia de montanhas pareceu intransponível, profundamente segura para estarmos sossegados.

Sentia a alma leve e mal tocávamos o solo para descermos até um tronco deitado contra enorme cedro. Havia no ar, ou em nós, estranha e embalante música que nos rodava e ríamos e dançávamos e éramos infinitamente felizes. Estávamos embebidos de prazer.

Finalmente, a moça tomou a minha mão e puxou-me por uma vereda batida, que mais parecia a estrada do paraíso. Qual não foi a minha surpresa, quando, na primeira curva, deparei com uma construção rudimentar, construída sobre um porão e cercada por estacas batidas. Andava, por estar sendo puxado, mas pasmava parando sem compreender como não tinha percebido do alto que ali havia uma casa.

Do porão, saiu um rapaz louro e encaracolado, com uma cuia na mão e a chaleira de água fervente na outra. Falou alguma coisa ou muita coisa que eu não escutava. Via somente os movimentos labiais. A moça pegou a cuia e chupou o mate e queimou imensamente a boca. Ao mesmo tempo, em uma casa adiante ou atrás, escutei o meu irmão falando ao telefone e tão alto que gritava horivelmente. Dizia me procurar e que, em breve, me encontraria. Lastimei fugir a natureza e a relva virgem e logo adiante surgirem tantas casas a vomitar luz vermelha berrante, por umas janelas toscas. Minha claustrofobia entrou em atividade silenciosa.

Ela também percebeu serem excessivos os intrusos e corremos de mãos dadas por uma colina a leste, como se quiséssemos alcançar o sol que por ali se escondera. Transpusemos o vale com facilidade e começamos a subir um tope íngreme e desigual, quando a luz de algum veículo nos atingiu. Caímos e nos arrastamos, dentro do possível, encosta acima.

Em poucos minutos, a citada viatura nos alcançou e nos ultrapassou, parando logo adiante. (Como não tínhamos visto que havia uma estrada ali?) Eram um ônibus urbano de cores apagadas e pouca luz interna. Dele desceram, pela porta traseira, meu irmão, o Branquinho e o Alcides, colegas de uma longa viagem a Itaituba, há algum tempo atrás.

Os três vieram sentar na relva ao nosso redor, com suas bolsas a tiracolo. Um disse ter mudado de vida e acasalado com uma mulher jovem e morena, cansado que estava da loira, fogosa fria e extremista. A nova companheira possuía olhos negros, o que era sinal de paz e de aconchego. O outro, com modos duvidosos, disse estar na mesma, com o que eu, mentalmente, não concordei, pois estava gordo e mudado. Falaram besteiras, alternadamente, e eu pouco prestei atenção. Estava alheio à desgraça, como que atordoado pela falta de solidão, desejada e propícia.

Acordei. Pensei nos bons tempos em que se podia vagar e dormir na relva, sem intrusos e lixo plástico cheio de água. Nos índios que amaram felizes num espaço ilimitado, enquanto que nós não podemos estender o braço pela janela, sem fazer cócegas na vizinha.

A SUPREMA JUSTIÇA

O silêncio era quieto e contínuo, com fisionomias de eterno. Da alvenaria branca, pendiam empoeiradas teias de aranhas, entremeadas de velhos cartazes, com exposições administrativas e políticas, pouco prováveis.

Um juiz de futebol lamentava mentalmente um pênalti mal assinalado, pelo qual aguardava julgamento, certo da pena extrema. Duas mulheres contritas pareciam responsáveis pelo excesso de filhos e, arrependidas, pendiam a cabeça.

Éramos uns vinte ou cem, talvez mais, talvez menos, esperando sua bondade e complacência. Como seria? Gordo e pesado, com papadas rosadas e sacolejantes? Ou seria magro e seco, com ossadas aparentes?

Os vendedores ambulantes, agora imóveis, seguravam seus guarda-chuvas despidos, dos quais pingavam quinquilharias, e um professor rezava para que fosse perdoada sua suprema ousadia de contradizer o ensino, com críticas ao conteúdo e à administração escolar.

Apontara pequenos erros, que, certamente, não somariam no cômputo geral.

Desproporcionalmente, pintaram as vigas de verde berrante, impróprio e agressivo às vistas. As janelas eram verdes também, pintadas somente. Era possível que algum lugar da parede se abrisse numa porta e víssemos a pesada escrivaninha dele. Mas, todos passavam para o outro lado, sem que percebêssemos por onde e quando.

Sabíamos que Ele estava calmo e proferia palavras antigos e nobres, usados por D. Pedro I no verdor dos anos. Por alguma razão incógnita, naquele dia, as condenações eram imprevisíveis e variadas, indo do perdão complacente até a condenação à morte na forca. Diziam que, apesar de déspota, era visto pelos comparsas como justo, razoável e obreiro, com méritos públicos e notórios, apenas sem o reconhecimento de nós presentes e prestativos, cômicos de nosso atrevimento e de nossa falta de tino.

Como haviam poucas poltronas antigas, sólidas e de cantos arredondados, a maioria das pessoas se conservava estatuada e tesa, na postura de culpados e indignos de perdão. O chão era de cor indefinida e todos olhávamos para ele. O padre que havia insinuado o conteúdo de uma confissão acabara multiplicando sua vênia com sermões de cunho social e ideológico, esquecendo

completamente as palavras textuais da lei: “Faze tua parte despreocupado, que Ele pensa por todos.” Infelizmente a lei ficou semipublicada, ficando obscuras as penalidades que se aplicam em caso contrário. Faltou tinta, um primitivo derivado de petróleo, que chegou apenas para escrever as primeiras linhas, deixando o restante gradativamente apagado, terminando sem que se soubesse a data e a assinatura, pois ficaram totalmente invisíveis no amarelo morto do papel, único existente.

Calado, resmungava um presidente de associação de professores, que fora convocado por telegrama para explicar os motivos do ajuntamento desnecessário de docentes, pois deveria de saber que o único com direito de pensar era Ele e que os demais serviços mais deviam era dar aulas, louvar a bandeira e cantar corretamente o hino. Seria possível que não conhecesse as linhas do quinto ato institucional?

Com todos os extensos e infinitos livros da lei abertos pelo chão, um advogado estudava a mínima possibilidade de encaixar as leis entre si, como um quebra-cabeça que forma um todo, apesar da dificuldade de encontrar as peças certas. Trazia a culpa de ter afirmado que a teia legal era coerente e solidária.

Um operário que ousou ficar doente e um lavrador que reclamava do desconforto em

que vivia aguardavam pacientemente pelas condenações.

Não sei por que estou aqui, porém alguma coisa errada devo ter feito. Espero que minha morte seja rápida e total. Comenta-se que a morte pelo machado é suave, porém o mais certo é que serei atropelado, já que a sentença deve ser variada e desigual. É pena que ninguém tenha escrito como se sentiu ao ser morto pelo machado...

Outro operário reclamou a falta de alimentos e outro ainda, de que teria o patrão desrespeitado o horário de trabalho, tornando normais as horas extras. Também calada, aguardava uma moça bonita que, apesar de tudo e de todos, não encontrou lugar na classificação como 'mulher tipo brasileiro', de Gilberto Freire. Mais um outro pobre-diabo, velho e carcomido, que cometera a asneira de acusar o agiota ávido que o depenara.

Flutuando no ar, estavam vários fantasmas de pessoas que passaram para a outra vida, sem a Sua permissão. Outros professores, provavelmente todos, eram acusados de enlamear os diplomas das universidades públicas e privadas, ao reproduzir fielmente toda a baboseira que nas faculdades aprenderam. Outros ainda demonstraram arrogância traiçoeira ao vulgarizar conhecimentos científicos. Mais outro maluco havia apontado a crise de qualidade das

estruturas abstratas e incontestáveis. Com certeza, todos seriam condenados.

Entre duas janelas inexistentes, pendia um decálogo de como se proceder diante Dele, ditando conselhos e sugestões, obrigatórias e finais. Todos lemos os Mandamentos Divinos, com tanta atenção e tantas vezes quantas possível, apesar de tudo saber de cor e cumprir.

Era muito lento o tráfego e eu passei por uma rua longa, que parecia ser única, com casas baixas e em distâncias heterogêneas, entre si e também em relação à via pública; toda mal acabadas, semelhantes aos bonecos executados no barro pelo mestre nordestino.

Haveria outros milhares de ruas iguais àquela, porém sendo todas do mesmo interesse, visitei bem visitada uma só e procurei todas as possibilidades de salvação. Andei pelo labirinto burocrático, eterna e pacificamente, desembocando nesta sala imóvel e imutável. A luz doentia chovia de várias lâmpadas e sem bússola, não sei o lugar nem a direção. Só sei que a freira, acusada de perder a virgindade, estava rezando e não seria perdoada, nem salva. É possível que estejamos caminhando para uma purgação, visando purificar o mundo.

Nunca se soube se as honras e os discursos eram verdadeira admiração ou produtos do medo e do terror, revelados nos olhos de cada

um de nós, inconscientes de que a lei é cega e feita para se cumprir dentro da interpretação e da contradição, necessária para os casos mais íntimos.

Os poucos que pararam para pensar foram apressados no seu labor, de modo a não quebrar a rotina e a coluna hierárquica.

Repentinamente a parede se elevou, como um cenário, deixando entrar a luz de uma colina verde de relva, onde pastavam e vagavam gigantescas aves, que melhor observadas, eram outros animais raros e muito comuns.

Na verdade, a colina estava deserta e azul. A sala também estava vazia.

TEMOR DE DEUS

Anselmo deixou a festa de seus vinte anos com a cabeça repleta de dúvidas. Aquela conversa com o melhor amigo havia piorado a situação. Deus existe? Nos últimos três anos, meditara muito, mas não o suficiente para entender os mistérios sagrados.

Pensava: Eu existo, porque existe a terra. A terra faz parte de uma galáxia que sofreu um desequilíbrio brusco e a galáxia faz parte de uma nebulosa... Bem, nisso ele concordava: que a idéia era nebulosa. Quem criou a nebulosa? Foi Deus? E quem criou Deus?

Existem milhares de espécies de animais e vegetais, que, teoricamente, evoluíram de um aminoácido. Deus criou o aminoácido e o aminoácido criou os animais e os vegetais? Ou Deus nem sabia da existência do aminoácido e criou outros seres vivos, que hoje convivem com os seres vivos criados pelo aminoácido?

Se foi Deus doente ou morrer... o mundo pára?

O padre disse que Deus é amor. Mas, o que é o amor? Um instinto qualquer, como a gula e outros...? Será que o amor nos arma uma

cilada para garantir a continuidade da obra de Deus? As músicas cantam o amor, mas um amor desejado ou um amor perdido. Os poetas cantam a ausência do amor. Então, esse Deus-amor pe uma ausência?

Até os quinze anos, Anselmo acreditava em Deus e era católico praticante. Na igreja, não encontrou verdade e bem. Aos domingos, percebeu que o patrão avarento, o bêbado, o assassino, a prostituta, os adúlteros e o padre que estava de visita a um filho comungavam com as velhas beatas que vivem se benzendo e, depois, beijando o dedo.

Na sua cabeça não entrava que um Deus que assa os descrentes protegesse o bandido, bastando, para isso, que ele se confessasse arrependido. Seria mais grave não acreditar no invisível do que matar, roubar, ... Se escandalizou ao perceber que a religião pregava mais o medo, o temor, que a bondade e a justiça. Deus não se importava com a fome que levou o homem à descrença. Pois, de barriga cheia, é fácil acreditar em Deus.

E mais. Essa história de purgatório, limbo, inferno e paraíso era contraditória. Ao ler a Bíblia não-católica, encontrou discrepâncias lancinantes. Surgia uma dúvida a mais: se cada espírito é uma fração de uma parte maior e mais perfeita, Deus teria criado o espírito e não o corpo.

O domador é sempre mais fraco do que os animais que ele doma. Logo, não é pela superioridade física que ele vence os animais; o domador domina os seus animais espiritualmente, pelo medo. Porém, isso não implica que ele tenha gerado os animais. No entanto, eles obedecem o seu espírito e, quando morrem, vão 'para junto do pai'. Morrem, se decompõe e pronto. Para os animais não há o bem e o mal; existe apenas a sede, a fome, o mais forte, o mais fraco, ... Instintos de defesa, de ataque, de procriação, ... Um tigre não precisa saber pedir a tigresa em casamento... nem por isso perde o céu.

Anselmo desesperou. Tornou-se maometano. Ao menos tinha uma vantagem: Maomé era considerado mais normal. Cristo era racista e intransigente, não sabia perdoar. Admitiam que lhe batessem, contanto que nele acreditassem. Representava o papel da minhoca que levava a dentada para que o pescador levasse o peixe. Sem o sacrifício da minhoca, não haveria salvação para o pescador. Porém, só pelo fato de não acreditar, poderia ser assado em fogo brando.

Leu o Alcorão e nele encontrou uma versão que interessava mais à segurança política e social do que ao bem absoluto. Se, como a Bíblia, tudo foi montado a partir de uma página, a credibilidade ia mal. Parecia um animal pré-histórico montado a partir de um ,,,,,,,,,,dente. Se apresentarmos o mesmo

dente a dez pessoas diferentes, montarão dez animais distintos.

As lendas transpiram um fundo místico, muito semelhante à religião e não são dignas de fé; só são dignas de respeito. Como poderia ele, jovem mortal, distinguir tais 'verdades'?

Agora, acusado de ateu, descrente, só acreditava nele mesmo... ou nem isso. Seria possível tentar novas religiões, um deus mais humano, que fosse mais tolerante e que não enche de medo o seu povo.

Um pássaro branco caiu a seus pés e a alma, negra de desgosto, voou ao encalço da morte.

NATAL DA ESPERANÇA

Maria gemia.

A fila não andava e a criança tomava posição de largada numa hora imprópria. Maria precisava daquelas aulas excedentes para sustentar o filho que, como todos sabem, era filho da promessa. E a interminável fila da escolha descansava um pouco em cada canela e esperava os favores do destino.

Passou a mão pelo ventre e acariciou o filho, transmitindo-lhe esse recado: "Sossega (sou cega), meu filho, tenho que escolher aulas em todas as filas. Estamos aqui há três dias e, com o que consegui, ainda não dá um salário-mínimo."

E a fila se arrastou pela eternidade e a criança esperou impaciente "fazer a hora que esperar não é saber". E com um pouco de IPT (Iniciação para o Trabalho), outro pouco de Educação Artística (Será que ela é artista?) e migalhas, sustentaria o nascituro com seios murchos e sovados.

Chegando a sua vez, lhe ofereceram meia vaga (tudo era vago e indefinido...) em Forquilha e, como ficasse distante oitenta e

dois quilômetros de sua outra meia vaga, que por sua vez ficava distante cinco quilômetros de sua “substituição”, hesitou em aceitar. Então, Herodes falou, claro como a voz de um trovão: “Pegue e não se arrependa; professor que deixa de pegar aulas e depois vem chorar não escolhe mais aulas; professor que escolhe e depois não consegue vencer o trabalho não faz mais inscrição aqui. Está aqui na lei.” E mostrava no papel oficial... Mas, deu azar, por que essa era das que sabiam ler e pediu pra ler e não estava escrito nada do que ele vociferou. Mesmo assim ele sentenciou: “Temos gente demais e quem não estiver contente que peça a exoneração.”

Maria tremeu e o filho por nascer chorou de vergonha. Toda a fila correu e Maria não conseguiu correr. Devido às circunstâncias, ouviu o sermão pregada no chão pelas pernas embotadas de varizes de tanto andar em frente ao quadro-negro, comendo giz em pó e cheirando aquele bafo pútrido de uma multidão em suor e lágrimas. Segundo o médico, anos depois, os pulmões da criança ainda pagavam por aquela nhaca.

E, por falar em médico, quem atende ao parto? Pelo IPESC, os médicos só atendem com requisição e, até conseguir uma, a criança já nasceu. Então Maria gritou: “Pelamordedeus, moço, cadê o médico?”

Movendo as chinelas rente ao chão, caminhando de Jerusalém a Belém, para a gruta da Estação Rodoviária. Ao menos lá, era limpo e tinha confortáveis ônibus para Canoinhas, por uma estrada que agora – ainda bem – era asfaltada. Mas, estava enganada. Na Rodoviária, escorregadia de escarros, tinha só um banco de pau, seboso e entulhado de rudes viajantes, pendurados de bagagem, fumando cigarrões de palha, guspinhando no piso e soltando fumaça no aviso “Proibido Fumar”.

Como não havia a placa “ASSENTO PREFERENCIAL PARA GESTANTES”, Maria acocorou-se contra a parede e ficou vendo uma velha pastoreando um rebanho de netos multicolores, filhos de filhas ausentes. As crianças choravam e se lambuzavam e também iam pra Canoinhas.

E o ônibus era da Reunidas e, além disso, era intermediário, passando por São João, por incrível que pareça “dos Cavalheiros”. E ela estava acocorada ao lado de umas botas seteléguas, um tanto sujas e malcheirosas. Na sala para quinze pessoas, esperavam umas duzentas e, ainda por cima, deixaram aberta a porta da “Toalete”...

Nessa hora, ouviu-se a voz Herodes, que descia pela Praça Triangular, gritando: “Ainda não nasceu aquele que vai retalhar o meu reino; messias nenhum vai tomar o meu

lugar.” Estava tomado de cólera incontrolável e prometia matar todos os primogênitos que nascessem na região.

Maria apertou seu filho de volta, murmurando: “Vá nascer noutro lugar...” E o ônibus encostou e todos se acotovelaram, cuspidos as xepas de cigarro ainda acesas, aos empurrões, sem prestar atenção a Herodes, entulharam o ônibus, deixando Maria parturiente viajar em pé, na sacolejada viagem, dizendo a seu filho: “Quem esperou dois anos e meio, espera mais meio.”

De tanta esperança, Maria nem sentiu a dor e a vergonha; só sorriu e sonhou, segurando nos braços a filha recém-nascida.

No outro dia, os jornais noticiaram a implantação da Décima Oitava Unidade de Coordenação Regional de Educação e todos agradeceram a Deus por ficarem livres de Herodes.

Escrito para a edição de Natal de um jornal, em 1980, quando o Licurgo era mandatário educacional para a Região de Mafra. Ele mandou um telegrama ameaçador, citando o AI-5 e outras leis repressivas. Mas, como o telegrama chegou ao Colégio Estadual Santa Cruz durante o período de férias, só foi entregue ao autor dois meses depois, quando a 18ª UCRE já estava instalada.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MÁRIO

Naquele tempo, todos foram lembrados do direito de votar. Sema e Hulo, para não sofrerem os rigores da lei, se deslocaram para Itabicu, sua terra natal, pois era ali que estava o tal de título eleitoral. O filho deles nasceria em breve, por isso Hulo tomou emprestado um jegue e nele carregou Sema e sua imensa barriga.

Como eram totalmente desprovidos de características politicáveis, desconheciam os candidatos e neles não confiavam. Eles, então, eram mais desconhecidos ainda. Logo, nada pediram e nada ganharam. Tiveram de andejar dezenas de quilômetros para poder usufruir daquele direito que os obrigava a votar. Sema votou em branco e Hulo escolheu Pelé.

A viagem era mais longa do que lenta e arrastada era a votação. Por isso, saíram de casa um dia antes, precisando portanto pernoitar na boca de urna. Porém, vaga em dormitórios não mais acharam. Também as pontes, os viadutos, a estação ferroviária e os bancos das praças estavam requisitados por eleitores eleitos pelos cabos eleitorais. Só

restou para o casal a esperança de que em Takira, lugarejo vizinho, dotado de um estádio de futebol, os portões estivessem abertos. E estavam.

No estádio, ainda havia alguns lugares vagos, ao lado de cães, gatos, separados, marginais, órfãos, desempregados, drogados, suicidas, fracassados, prostitutas e prostitutos. Uma multidão de semi-humanos rejeitados pela máquina social.

Apesar de consorciados pelas leis divinas e pelas leis humanas, Sema permanecia virgem, haja vista que o bastão de Hulo floresceu no dia do noivado, fazendo com que fosse o escolhido entre os muitos pretendentes. É que Sema adorava flores... Bem, o fato é que a virgindade pode prejudicar o parto, pois ali os portões permaneciam fechados.

No momento exato em que Hulo pensava no estádio, alegria do povo, Sema suspirou dividindo o sono em duas partes estanques: a tranquilidade e a certeza. Imediatamente, Hulo se pôs a colher bandeiras e faixas por ali deixadas depois do último clássico pelo campeonato mediterrâneo de futebol. Havia roupas íntimas também...

Telefonaram para o hospital e, em poucos segundos, médicos e enfermeiras, sorridentes e cobertos por impecáveis fardamentos brancos, retiraram o primogênito por uma abertura artificial, tendo em vista a obstrução

da passagem vaginal. O recém-nascido foi colocado em uma incubadora aquecida e impecavelmente higienizada.

O primeiro a visitar o menino foi um dos jogadores do clube local, que saiu por um momento da concentração da equipe. Ele prognosticou que Péquênte seria a luz da bola e o clamor dos estádios, capaz de levar o povo ao esquecimento da fome e das injustiças.

Em seguida, chegaram muitos políticos, com ofertas e propostas de ajudas oficiais e de concessões de anistias fiscais e da gratuidade do registro civil do recém-nascido. A tiracolo, traziam técnicos e repórteres televisivos, com supercâmaras para transmissão ao vivo, tanto da família sagrada quanto da onda de curiosos. As duas notícias competiam entre si. O ocorrido promoveu a cidade, superlotou o estádio, fazendo com que a televisão obtivesse uma audiência de 92%.

Os telefones do estádio não paravam de tocar, com gente oferecendo ajuda. Milhões de quilos de roupas, fraldas descartáveis e chupetas entulharam os depósitos da defesa civil.

Operários, mendigos e favelados foram guiados por um helicóptero vindo do norte, desfraldando uma bandeira azul, vermelha e branca.

MINHA VIDA, VISTA DO 57º DEGRAU

Ainda bem que nada lembro da fecundação, da gestação, do parto e dos primeiros anos da infância. Assim, estou livre de lembranças como vida uterina e fraldas úmidas e fétidas. Os primeiros registros de mim mesmo são fragmentos de situações domésticas, com os pais e com os dois primeiros irmãos. Coisas corriqueiras.

A singeleza das minhas peripécias infantis permite que eu qualifique a vida 'lá de dentro, no Lajeadozinho,' como natural e feliz. Ou seja, cresci naturalmente, sem percalços.

Estudar em seminários, para ser padre... Possivelmente, esse fosse um sonho materno, pois meu pai deve ter visto nisso uma oportunidade para o filho dele estudar, já que ele foi menino de roça, a serviço dos pais e não frequentou escola.

O fato é que os padres e os colegas sacudiram meus neurônios e minha mente teve uma excelente oportunidade para se desenvolver. O estudo, em período integral, de oito idiomas, das ciências exatas e da filosofia – mesmo que cristã –, acrescido dos exercícios

em escritura, oratória e teatro, foi base sólida para minha formação acadêmica, mesmo que limitada pela pobreza gerada pela orfandade precoce. Ressalvando-se, contudo, que com a morte de meu pai, minha mãe se esfalfou de tanto trabalhar 'para manter os filhos na escola'. Esse era o desejo do Vitorino.

Uma das consequências limitantes da vida eclesiástica foi a de estabelecer tabus sexuais. Os véus com que a Igreja encobria as necessidades fisiológicas produziram um vazio educativo, cristalizado em uma profunda incompetência para lidar com a sexualidade. A Igreja conseguiu criar mais que tabus; a completa ausência de orientação sexual gerou uma ingenuidade persistente e irremovível, que nem as experiências nem os amigos de adolescência conseguiram transformar em esperteza. É claro que minha mãe foi tão ou mais castradora que a Santa Madre Igreja que ela tanto amava (e ainda ama). Não é por acaso que os seis filhos naufragaram em casamentos complicados.

A partir da puberdade, a negação e a condenação da sexualidade produziram alta incompetência para lidar com o namoro e, principalmente, com o casamento. Na minha formação física, filosófica e moral, ficou uma zona nebulosa entre o que é sexo e o que é amor conjugal; entre o que é obrigado e o que é proibido, que nada mais é do que saber viver, a seu tempo, o prazer dentro do que é

necessário e permitido. Como consequência ficou faltando distinguir o que é necessidade fisiológica e o que é convivência conjugal.

Assim, simplório e despreparado cai na primeira cantada e mergulhei de olhos fechados numa relação assimétrica, exercendo o papel de provedor e de depósito de culpas. Foram necessários trinta anos de satisfação sexual intermitente e alguns gritos dos filhos para que eu acordasse e rompesse a relação.

Depois de alguns períodos de vida solteira, interrompidos por algumas ilusões/desilusões (obviamente, passageiras), encontrei uma companheira e, juntos, recriamos nossas sexualidades, escolhemos um projeto de vida, construímos uma casa e procuramos conviver positivamente, buscando sermos pessoas melhores do que fomos.

Assim, com ela, vivo uma vida singela, entre árvores e pássaros, ouvindo a música das cachoeiras, cultivando a horta e o jardim, usufruindo uma aposentadoria tranquila, o que possibilita passar horas lendo ou escrevendo.

Do amanhã ...? Pouco sei. Pretendo viver como escritor-sitante até quando perder o domínio sobre o corpo e sobre a mente; viverei aqui enquanto consiga dar conta dos trabalhos de manutenção do Sítio Itaguá e enquanto conseguir cuidar da casa e do corpo. Depois... quem sabe, alguém que ame a

natureza e queira continuar a obra...? E sempre haverá apartamentos, apart-hotéis, hotéis, casas-de-reposo e asilos. Vou escolher um que caiba no meu orçamento e curtir uma outra forma de viver.

Morrer... Prefiro morrer 'na luta', peleando, de pé. Se acaso as pernas fraquejarem, continuarei a caminhar sobre muletas, rodas ou esteiras, pois, enquanto vivo, quero caminhar pelo mundo. Pode a mente sofrer períodos de descontinuidade ou ser desligada definitivamente; sei que pode ocorrer. Quando isso acontecer, peço o favor: desliguem o corpo também. Quando perder o 'eu' existencial, nada mais terei para pensar, ler ou escrever e a vida corporal será inútil para mim e um estorvo para as pessoas próximas. Espero que mente e corpo morram simultaneamente; se um tiver que morrer primeiro, que seja o corpo. Quando a mente morrer, o corpo não saberá o que deve fazer.

O MOINHO QUE PIAVA

Nos meus tempos de criança, o trabalho escravo dos chineses ainda não fabricava brinquedos por R\$ 1,99 e o plástico nem tinha sido inventado. Na década de 1950, os brinquedos eram, na sua maioria, imaginados e construídos pelos brincadores mesmo, pelas próprias crianças.

Por isso, eram construídos os brinquedos necessários e somente os necessários, pois sabíamos o tempo que se gasta e o trabalho que dá fabricar um brinquedo; quando prontos, tínhamos todo zelo e cuidado para não estragá-los e dificilmente um brinquedo ia para o lixo.

Como o Vygotski escreveu, todo brinquedo é um ensaio para a vida adulta e eu construía casas, cercas, caminhões, rodas d'água e turbinas. Com duas tabuinhas cruzadas e dois pregos servindo de eixos, já estava pronta uma roda d'água. Ela ficava suspensa sobre as pontas de duas estacas e recebia água por um bica de taquara. Pelas limitações técnicas expostas, o engenho tinha de ser montado ao lado do arroio, para minimizar o número de taquaras, que, quando emendadas, perdem a

maior parte da água que transportam. Ah! se naqueles tempos tivéssemos mangueiras e canos de PVC...

Um dos meus engenhos, lá por 1956 e levando em conta a minha imprecisão cronológica, acabou causando prejuízos. Ele funcionava perfeitamente e por isso mesmo causou problemas.

Durante o dia e sem chuva, os pregos giravam livremente dentro da 'forquilha' de madeira. Porém, naquela noite, as nuvens resolveram despejar água ao vento e molhar os mancais. Com a umidade, a madeira começou a segurar os pregos, tentando impedir que girassem; o resultado foi uma cantilena triste como as ouvidas no sertão, quando passa um carro de boi.

De início, a roda piava espaçadamente, como um patinho desgarrado da mãe. Porém, à medida que a água da chuva engrossava o volume do arroio, mais água vinha pelo cano de taquara, mais rápida girava a roda e mais frequentes e agudos ficam os 'pios'.

Aquela piação foi ficando clamorosa, desesperada e meu pai não suportava o sofrimento de um filhote dos seus animais de estimação. Pensando ser pedido de socorro de um de seus animais de estimação, saiu de debaixo das cobertas quentes, enfiou os pés nos tamancos e enfrentou a escuridão e a tempestade, tropeçando por aqueles

barrancos irregulares. Andou pela capoeira, procurando o patinho, mas não encontrou nem choca nem filhote.

Quando resolveu parar na chuva e escutar com mais atenção 'de onde vinha o pedido de socorro', descobriu que todo aquele sofrimento era causado por uma ingênua roda d'água construída pelo menino que dormia desmaiadamente numa cama aconchegante.

Ele ficou furioso, quebrou meu "moinho" e só não apanhei porque, até ele trocar a roupa e secar o corpo, a raiva tinha amainado, principalmente diante da ladainha de suplicas de minha mãe, intercedendo a meu favor. Fiquei escutando as ameaças, que foram diminuindo gradativamente, e voltei a dormir meus sonhos.

No dia seguinte, a cólera estava mais dispersa e as palavras paternas caíam sobre mim como gotas de chuva invernal: sem raios e sem tragédias. Por dias seguidos, ele teve lembranças intermitentes do sofrimento, porém, o fato foi, gradativamente, cedendo lugar a outras preocupações dele, principalmente porque tive o cuidado de, na manhã seguinte, retirar todos os vestígios da minha engenhoca.

Passados tantos anos, tiro proveito de todos os ensaios e de todas as invenções infantis: sei projetar e construir engenhos, canalizar a água, fazer com que ela suba ao reservatório

e, de lá, escorregue até as torneiras; o excedente doado pelas duas fontes sai pelo vertedouro das caixas-d'água e vai irrigar a horta. Saio de casa durante a madrugada chuvosa, para cobrir outras obras, como a concretagem da tampa do poço; e sei escrever, de estória em estória, a minha história.

Faz parte de minha história a construção de um monjolo sobre as lajes que dão berço ao pequeno rio Itaguá, bem ao lado da ponte, construí um monjolo. Ele é movido pela água captada a 130 metros de distância, num remanso acima do salto e bomba um litro de água potável a cada três pulsos do pistão. A água sobe para a caixa principal, que doa as sobras para outro reservatório, que fornece água para o depósito da horta, com a qual irrigamos as plantas.

Assim, vivo as aventuras cotidianas. Como a que narro a seguir.

Foi dia dezenove de abril deste dois mil e oito. Resolvi dar um trato na parte externa do poço, recuperando o reboco nos locais que ele sofreu a ação do tempo ou recebeu golpes acidentais, alisando a tampa de forma que a água possa escorrer e passando um impermeabilizante que possa reduzir o aparecimento de fungos e algas.

Como o trabalho superou o planejado, o final da obra teve de esperar para o dia seguinte. O

céu anoiteceu estrelado e não esperava que chovesse, no entanto, antes das cinco horas começou uma garoa persistente e tive de deixar o leito conjugal para as providências necessárias. Na volta, não estava irado como meu pai, mas perdi o sono e não voltei mais para cama. Aproveitei a madrugada para escrever esse croniconto.

MÃE MULHER

O dia das mães é a data que o comércio marcou para que a família lembre, abrace e agradeça toda mulher que deu uma criança à luz. Como lembranças, abraços e agradecimentos só existem no tempo presente, os comerciantes procuram dar a eles uma materialidade que possa ser vista e entregue, no tempo presente, como objeto representativo dos sentimentos filiais. Pensam, dessa forma, perpetuar o tempo 'presente'.

Sentimentos não têm preço, mas o comércio oferece objetos que podem 'substituí-los' a baixo preço, inclusive a prestações. Impossível fixar o preço de sentimentos, mas é normal que objetos sejam vendidos e comprados por 'um preço justo'. Assim, com o auxílio do dinheiro, podemos pagar 'um preço justo' pelo carinho que as mães dedicam aos filhos.

As mulheres, ao longo de milênios, foram oprimidas pelos homens, através da força física, destinando a ela trabalhos rotineiros, como a procriação e os cuidados com o lar. Em contrapartida, ofereceram a ela proteção.

Não a proteção solicitada, mas uma proteção disfarçada, que, na prática, era um sistema complexo de defesas do 'bem' que poderia garantir o crescimento dos filhos e organização familiar.

Os costumes, as culturas e as regras sociais foram estabelecidos pela supremacia física; através dela, os machos instituíram o poder moral. Garantiam assim o domínio natural e o domínio místico. Para legitimar o poder divino, criaram deuses masculinos, cercados de figuras femininas. O homem criou deus a sua imagem e semelhança. Restou, para a mulher, um papel secundário, de elemento passivo: servil, virgem (Virgem Maria!), encarregada de chorar a ausência dele e enlutar-se pela morte de todos.

Finalmente, a mulher está se emancipando, ganhando liberdade e responsabilidade. Já pode se vestir como homem, exercer cargos políticos, ser dona de empresa, motorista de caminhão, viajar, estudar, ... Junto, vai mostrando suas falhas e limitações; defeitos antes só permitidos ao homem: frequentar bares e motéis, dizer palavrões, ser homossexual, ... Tradicionalmente, esses 'direitos' faziam o orgulho de determinados homens e a frustração de muitas mulheres. As portas estão abertas. Todos os setores da sociedade estão liberados. Até a constituição brasileira deu plena igualdade de gênero.

Está na hora de acabar com “Dia das Mães”, “Dia dos Pais” e “dia do Comércio”, instituindo o “Ano da Família”. Será que os filhos sentem menos vergonha das aventuras sexuais, das bebedeiras e de outros vícios paternos, do que se a mãe caísse nessas mesmas falhas? Será que o filho já nasce machão... ou é o pai e/ou a mãe assim o tornam? Será que as mulheres se tornam oprimidas pela própria vontade, para não assumir os riscos e os conflitos inerentes à emancipação?

As gerações futuras necessitam de mulheres fortes, livres e responsáveis; ativas, informadas e abertas às mudanças; senhoras do próprio corpo, com direito ao prazer, ao sucesso e à maternidade consciente. Nada de santas frustradas, alienadas e sem diálogo com os filhos.

A FAMÍLIA, assim, terá os filhos que puder educar, viverá em colaboração e harmonia, dividindo responsabilidades, somando bem-estar e felicidade.

CARTÃO DE ANIVERSÁRIO

Mãe,

vou me permitir chamá-la de você, pois dizem que, aos oitenta, se volta aos oito e tratamentos cerimoniais criam distância... De você quero estar perto.

Pensei, inicialmente, comprar um cartão de aniversário, mas concluí que para você não devo dar coisas compradas; essas, você mesma compra. Por outro lado, cartão é uma carta bem grande... então, resolvi escrever uma longa e informal carta por seus oitenta anos de vida.

Foram oitenta anos que passaram tão rápido... Precisávamos de outros oitenta anos para poder conversar sobre os primeiros oitenta. Porque, as minhas melhores e mais proveitosas conversas foram contigo; as coisas mais importantes, aprendi contigo; os momentos mais ternos, passei contigo; nas horas de aflição, corri pra ti; as alegrias, primeiro contei pra ti.

As primeiras imagens que recordo da mãe são de cenas domésticas, de cuidados com os filhos, dos banhos de bacia, das refeições, ...

Essa estória de que bebê conhece a mãe deve ser falsa, porque as minhas lembranças mais antigas são da época dos meus cinco anos...

Lembro de um vendaval que arrancou um pinheiro no perau e da mãe correndo para a fonte, para apanhar água antes do temporal, com um balde em cada mão: um de folha e outro de alumínio. Pela força do vento, eles emborcaram e, como você parecia querer salvar os baldes da tragédia, foi carregada, por alguns metros por esses inusitados parapentes. Depois de soltos, os baldes foram parar no mato; o de alumínio ficou todo torto, sem serventia.

Lembro do dia em que você foi arrancar batata doce e me deixou cuidando do Marino; como era muito frio, eu esquentei as alpargatas dele sobre a chapa do fogão e elas queimaram. Eu tinha uns cinco anos e fiquei com medo, por isso escondi as chamuscadas debaixo da cama, como se a fumaça aceitasse ficar escondida... Lá da roça, você viu a fumaça fugindo pelas janelas e correu para casa. Inconsciente, quase toco fogo na casa nova.

Lembro ainda do dia do enterro do meu pai; encontrei você deitada naquele quarto em que, anos mais tarde, dormi, lá na casa da Nona. Você estava tranquila e me disse que, dali por diante, teríamos de enfrentar a vida sozinhos. E enfrentamos. Foram tempos

pobres, de roupas velhas e comida simples; mas, sem dúvida, foram bons tempos. Mesmo tendo vendido quase tudo o que nos restou, sobrevivemos e construímos as vidas tão boas que hoje vivemos.

Nos anos seguintes, em épocas de festas, acompanhei a intensa labuta, na máquina de costura, no corte e no ferro de passar roupas; dias inteiros e noites adentro. Quantas vezes, às 22 horas, você dizia *"vá pra cama que eu também já vou."* Doce mentira, pois, quando eu acordava de madrugada, escutava o rek-rek do pedal da máquina e a mastigação da agulha emendando panos. E, nas missas de Páscoa, Natal, batizados e casamentos, a costureira ia com olhos vermelhos e purulentos; carregados de cansaço e de sono. Como te agradecer...

Se me perguntam como minha mãe é, sempre respondo: uma lutadora alegre e inteligente. Uma mulher que venceu a dor, a doença, a pobreza e todas as crises.

Recordo também das suas visitas, do carinho e dos mimos com que me agradeceu, das roupas que costurou, das comidas gostosas. Em especial, do sfregolá que noites e noites foi meu jantar, nas noites que passei nos confins do Amapá ou em Brasília. Comi muito sfregolá com água... uma delícia!

Quantas vezes você chamou atenção para minhas atitudes, para os momentos de

cegueira. Sempre procurei seguir teus conselhos e orientações; com isso, consegui melhorar bastante.

Foi muito importante o apoio que recebi nos momentos difíceis e tenho procurado usufruir o máximo de suas palavras, telefonando sempre que possível. Passei pela separação e desacreditei no casamento... Mas, quando conhecemos a Elisa, você e a mãe dela foram fundamentais para que ficássemos juntos e, hoje, somos tão felizes.

Tenho muito orgulho e muita gratidão pela mãe que tenho, com sua alegria de viver, ajudando as pessoas, com palavras e gestos. Meus pais são, para mim, exemplos de otimismo, de fé na vida e de virtudes, como a humildade, a bondade e o perdão. Se eu conseguir ser um pouco do que vocês foram, já serei uma boa pessoa.

A PERFEIÇÃO DE UM LAR IMPERFEITO

Sobre o segundo filho, a mãe depositou todas as esperanças de completar a constelação familiar: uma mãe prestimosa, um pai honrado, um primogênito promissor e uma caçula bem dengosa. Mas as gônadas contrariaram os desejos maternos, determinando que a criança seria do sexo masculino.

Bem, essa foi uma decisão genética não acatada pela gestante, que sonhou, preparou e pariu a sua 'menina', mesmo que as genitálias do bebê fosse prova em contrário. O berço era feminino, as roupas eram femininas, o quarto era feminino, ... Fora a enormidade de adereços e penduricalhos.

Como fabricante de bijuterias, teria toda facilidade para produzir joias semipreciosas personalizadas, cada qual realçando uma das belezas da filha. Já imaginava as freguesas admirando a filha, os brincos, as pulseiras, os colares, os anéis, as sapatilhas, os chinelos, as tiaras, ... enfim, tudo o que ela tinha produzido com perfeição. Inclusive a criança.

A Natureza nem deu bola para as fantasias da jovem mãe e manteve as características masculinas que tinha escolhido para o menino. Escolheu e confirmou. Seria homem. E foi. Mesmo que tivesse, na idade própria, de ser induzido à masculinidade.

A mãe herdara da mãe dela o gosto por equipamentos modernos, novos e impressionantes. Assim, já no dia do casamento, mesmo que sem casa, estiveram presentes o descascador de batatas, a batedeira de bolo, o liquidificador, o ferro de passar roupa, o aspirador de pó, a geladeira, a máquina de lavar roupas, o forno micro-ondas, o forno elétrico, o fogão a gás, o secador de cabelos, ... Tudo por pagar; mas estavam lá.

Sim, com certeza. Os convidados para as bodas ficaram impressionados ante todos aqueles modernos equipamentos reluzentes cheirando a novidade. Onde guardá-los? Bem... 'depois veremos'.

Assim, um casal ultramoderno, com eletrodomésticos ultramodernos, começava uma vida ultramoderna. E, para combinar, os filhos teriam obrigatoriamente de ser ultramodernos. E dois deles saíram do útero, que era normal.

A mãe dedicava-se com esmero ao lar, providenciando utilidade para todos os eletrodomésticos e substituindo-os tão logo

deixassem de ser 'de última geração'. Tinha, para com o vestuário, os mesmos cuidados: roupas de grife compradas em magazines frequentados pela elite urbana. O marido pisava sapatos italianos e desfilava etiquetas famosas. Os meninos, então... eram verdadeiros manequins.

A renovação dos equipamentos e das peças de vestuário contava com uma habilidade inata da mãe para vendas, compras e escambos. Com ela, em minutos, 'o negócio estava feito'. Assim vivia essa família moderna em seu lar moderno.

Mas, as crianças costumam crescer e desnecessitar dos cuidados maternos. Para substituir as atividades domésticas, como limpar, polir, agradar e controlar os familiares, agora incontroláveis ou sob controle da escola e da empresa, a mãe resolveu estudar.

Primeiro problema: o ambiente escolar é difuso e incontrolável, inclusive pelos professores e pela direção da escola, os quais recebem poderes para tentar fazer isso. Logo, a mãe foi aluna por um espaço de tempo suficiente para admitir que os colegas, os professores e os estudos eram ingovernáveis.

Como, para vender, não é preciso diploma, empregou-se em uma loja. Agora poderia aplicar todas as suas idéias de organização e a sua inata habilidade para vendas. Demonstrou toda a sua autoridade, mas havia muito mais

gente querendo mandar e ela não conseguiu moldar a empresa conforme suas convicções. Também no mundo empresarial, não conseguiu controlar os outros; ao contrário: estava sob o domínio de quem detinha o poder. Em consequência, sua passagem pelo 'mundo profissional' foi rápida e frustrante.

Convencida de que não poderia dominar os 'estranhos', voltou novamente para a família, dedicando especial atenção aos filhos adolescentes, administrando suas vidas como se fossem, eles também, eletrodomésticos programáveis. Tinha certeza de que, se não podia corrigir o mundo, ao menos, poderia fazer seus filhos serem perfeitos. Lutou bravamente para que seus filhos fossem os mais bonitos, os mais altos, os mais inteligentes, os mais bem informados, os mais cultos, ... Para esses últimos atributos, contou com o apoio de parentes próximos. Assim, os meninos eram considerados excepcionais, geniais, ... verdadeiros prodígios.

Com isso, os rapazes foram privados de viver as etapas naturais da infância e da adolescência, em contato com o mundo, na convivência com as imperfeições das demais crianças e jovens. Especialmente, privados das relações sociais com pessoas do sexo oposto; privados de experimentar o gosto e os efeitos do flerte, do namoro e da convivência amorosa. Cresceram fisicamente numa redoma, protegidos de influências imediatas

sobre suas psiques. Viraram adultos emocionalmente despreparados para o convívio profissional e para a escolha de parceiros conjugais.

Como consequências, tiveram dificuldades profissionais, foram 'escolhidos' pelas namoradas e acabaram prisioneiros de relações sexuais. Consequência das consequências: frustração geral de todos os familiares.

OS TRÊS DESEJOS

O sonho é tão natural quanto a sede ou a fome. Para permanecer vivos, precisamos de água, alimentos e devaneios. Ganhar na loteria, encontrar um tesouro, receber uma herança milionária, encontrar príncipes e princesas, ... Quem não quer uma fada particular, um gênio bondoso só pra si?

Nos idos tempos da minha juventude, li, pela vez primeira, a história daquele Aladim que libertou um espírito benéfico engaiolado em uma velha lamparina, recebendo como gratidão o direito de realizar três desejos. Logo, me pus a sonhar, selecionando, mentalmente e por ordem de prioridade, meus três pedidos.

Pensei: vou realizar parte das minhas utopias, alguns dos meus sonhos. Sonhos bem sonhados, pois até hoje me surpreendo ao constatar que minhas escolhas permanecem imutáveis. Tipo votos monásticos, renovados milenarmente, sem alterações nem garantias.

Se aparecesse o tal gênio atendendo três dos meus desejos, sem vacilar, queimaria a primeira chance nesses termos: Que todo

sujeito desonesto (aí incluídos ladrões, políticos, fraudadores, chantagistas, mentirosos, traidores, empregados fantasmas, elites econômicas que exploram o trabalho alheio, gigolôs e congêneres) tivesse diarreia. Isso mesmo: uma disenteria proporcional à sua culpa.

Claro que, num primeiro momento, teríamos um grande congestionamento nas latrinas e a consequente poluição de rios, lagos, lagoas e baías. Quicá dos mares? Alguns morreriam desidratados, bem antes de pagar as culpas. Pelo sistema de esgoto das capitais, fluiriam políticos liquefeitos.

Mas, com o tempo, teríamos uma sociedade mais justa; ninguém precisaria fiscalizar ninguém, pois cada intestino cuidaria do seu dono. As pessoas seriam honestas para seu próprio bem. Não precisaríamos procurar verbas extraviadas ou objetos furtados. Ladrões, larápios, gatunos e assaltantes de bancos entregariam a si mesmos, antes de se esvaírem em m.

Garantida a honestidade humana, dedicaria o segundo pedido ao combate às drogas. Pediria que todos, invariavelmente, sentissem nojo de qualquer fumo. Desde fumos legais, que pagam impostos e são incentivados e financiados pelo governo, até os “fumos proibidos e combatidos”. Paradoxalmente, esses últimos, quando ‘combatidos’ pelos

meios de comunicação, acabam recebendo uma divulgação maior, com imediato aumento de consumo.

Além das lesões físicas e dos problemas sociais que os fumos provocam, eles produzem um fedor inesquecível. O cigarro e o papel higiênico usado, quando queimados lentamente, produzem fedores semelhantes; uma catanga repugnante.

O terceiro pedido seria de ordem pessoal. Solicitaria ao mago que fizesse com que, pela minha iniciativa, esforço e persistência, conseguisse realizar meus pequenos desejos; perfeitamente normais.

Provavelmente, eu jamais encontre uma velha lamparina e, se a encontrasse, poderia esfregá-la até gastar, que dela não sairia gênio algum. Mesmo que saísse, seria um incompetente, incapaz de concretizar tão ambiciosas fantasias, pois ele não conseguiu nem a própria liberdade. Por isso, desonestos e fumantes podem ficar tranquilos: dificilmente acontecerá, apenas talvez.

PROFESSOR DE HISTÓRIA

Na infância, encantou-se pela magia das histórias; via nelas mais que a realidade: eram essências cristalinas da vida. Sonhou, então, ser um arauto: aprendendo, sabendo, criando e divulgando ‘a verdade verdadeira’. E, como tudo o que acreditamos pode se tornar realidade, tornou-se Professor de História.

Embragado com a própria convicção, lia, publicava, transmitia e professava os textos históricos; acreditava piamente que aquelas palavras eram expressões de verdade: a História era a realidade do passado vista no presente como se fosse um conjunto de documentários gravados diretamente nas fontes das informações.

Porém, de tanto recitar, começou a perceber que havia versões diferentes e até contraditórias do mesmo fato histórico. Com um pequeno esforço mental, constatou que a História não era uma coleção de fatos da realidade passada; mesmo que ainda acreditasse que os livros de História continham relatos de quem viu os fatos acontecerem.

Em dado momento e a contragosto, constatou que o historiador era um advogado de si mesmo, que defendia a qualidade e a originalidade de suas autorias, que lhe outorgavam méritos publicitários e direitos econômico-financeiros. No entanto, a originalidade estava apenas na edição dos livros e das revistas, pois o historiador contava o que tinha lido ou ouvido de outros.

Ou pior: poderia estar defendendo o que os outros inventavam. De muitos outros. De uma cadeia de ‘historiadores’; pois os textos eram transcrições da realidade ocorrida. A História acabava sendo uma sequência de ecos, tão longa quanto à distância entre as remotas origens e as edições recentes das velhas informações. A cadeia de ecos ganhava a amplitude da antiguidade histórica. Cadeia, nos dois sentidos.

O mito de que o historiador era a fonte primária dos fatos oficiais caía por terra, pois o historiador era apenas mais uma etapa do registro histórico, montado com base em fontes secundárias, terciárias, quaternárias, ... até perder os elos dessas fontes artificiais.

Concluiu, a contragosto, que o historiador era um bom contista da ficção da realidade passada. Mais adiante, ficou chocado com uma probabilidade de que a História poderia ser totalmente fictícia, inventada a partir de indícios: fragmentos, sonhos, quimeras, ilusões e más intenções. Era como montar um australopiteco a partir de um pedaço de dente.

Finalmente, caiu na realidade e constatou que professava, com fanatismo, verdades bíblicas, literárias ou políticas. Histórias de fadas, histórias de terror, histórias eclesiásticas, histórias sócias, histórias políticas, ...

Admitiu que todas as histórias da História poderiam ser contadas em muitas versões, conforme as necessidades dos poderosos e que ele – Professor de História – era apenas um instrumento de enganação no processo de dominação das massas.

Soube ainda que muitas pessoas usavam a História para formar, conquistar e manter os poderes; principalmente, atormentavam os outros com mentiras históricas para

somar, cada vez mais, mais poderes. E, antes de morrer, envergonhou de saber que era apenas um discurso em si mesmo.

As massas humanas são as mais fáceis de cozinhar.

ENQUANTO EXISTIR

O planalto norte catarinense foi um paraíso ecológico, de florestas exuberantes e riquíssima fauna. De formação geológica recente, apresentava um solo fértil, coberta de mata secular, enorme variedade de madeiras de lei, árvores frutíferas e muita água. Os faxinais, florestas composta por pinheiros, imbuias, caneleiras e ervas-mate, eram matas abertas, que permitiam o deslocamento sem obstáculos, o abrigo junto às copadas e a exploração da flora e da fauna.

Com solos argilosos, húmíferos, calcários, em espaços contíguos, facilitava o uso do solo, quer para a agropecuária ou para a indústria. As chamadas 'terras brancas', ricas em argilas e pobres em ferro, favoreciam a indústria cerâmica, seja de utensílios domésticos, como vasos e bacias. As 'terras roxas', ricas em materiais orgânicos e situadas em relevo levemente ondulado, eram extremamente férteis e permeáveis, propiciando o desenvolvimento exuberante das lavouras, anuais ou permanentes. As 'minas de calcário' forneciam matérias-primas para a adubação

das 'terras de planta' e para a fabricação de cal e cimento.

Riqueza ímpar eram os 'solos de vargem' ou aluviões, resultantes dos processos de sedimentação de materiais orgânicos e minerais no fundo dos lagos e de áreas alagadas nas margens baixas dos rios. A 'terra preta', resultante desse processo centenário de sedimentação de húmus, tanto serve para a plantação de cultivos irrigados, como o arroz irrigado, quanto para atividades agropecuárias de sequeiro, para as quais se faz necessária a drenagem do solo, através de canais e valetas.

Essas regiões de 'campos baixos', que os oleiros chamam de 'barro preto' ou 'terra gorda', foram, em passado recente, lagos densamente povoados de peixes e de mamíferos aquáticos. As chuvas e os ventos, além do uso inadequado de equipamentos agrícolas, provocaram a erosão e o deslocamento da camada fértil para rios e lagos. Em muitos casos, até os mangues marítimos são formados de terras férteis que 'desceram pelos rios'. As regiões mais elevadas nem sempre foram secas e 'peladas'. O desmatamento indiscriminado, o uso de técnicas predatórias, como o fogo e a mecanização intensiva, é que 'emagreceram' a terra.

Provavelmente, os silvícolas viviam nas margens de lagos e rios, pois debaixo dessas formações por aluvião, são encontrados restos de embarcações e de outros artefatos de caça ou pesca. Também é notório que os capões de mato que estão sobre terra firme correspondem a ilhas lacustres ou fluviais que havia na época. Ali o solo é argiloso; ilhas de argila branca em meio a planícies de barro preto. Podemos concluir que havia muitas lagoas e que os rios se espriavam, formando poço. Um deles, no Rio Iguaçu, realmente recebe o nome de Poço Grande; tem formato circular, com diâmetro bem maior do que a largura do rio.

Em consequência dessas deduções anteriores, podemos supor que havia fartura de alimentos: frutas, sementes, raízes e folhas; além de animais, como peixes, répteis e mamíferos. E, pelas características dos elementos citados, havia alimentação farta durante todo o ano. Passo seguinte da 'cadeia alimentar': ao redor das habitações primitivas, as pessoas bem alimentadas deixavam grande quantidade de sobras e dejetos. Em perfeita 'simbiose flora-fauna', todos os seres vivos saíam ganhando: grupos humanos, outros animais, os solos e os vegetais (em todas as escalas).

Rica em água e em solos, a região foi berço de uma floresta exuberante e de uma fauna vigorosa. Os animais se tornaram fortes e

ousados. Ao longo dos milênios, silvícolas de sucessivas etnias, provavelmente, nômades, ou até mesmo tribos coirmãs, conviveram harmoniosamente com a natureza. Harmonia mais caracterizada pelo equilíbrio entre fortes do que pela pacificidade dos seres.

O último desses grupos étnicos foi o dos índios Xokleng. Eram pessoas extremamente rústicas e resistentes ao clima, principalmente, ao rigores do inverno, com temperaturas negativas. Foram antropófagos, guerreiros bravios e ferrenhos defensores das áreas tribais. Eram o terror das tribos inimigas, tanto para os Kaingang a oeste, como para os tupis-guaranis que habitavam a região ao norte do Rio Iguaçu. O grupo Xokleng mais violento e mais aguerrido foi dos Botocudos, que dominavam a área de terras entre os rios Canoinhas, Negro, Iguaçu e Timbó. Foi o último a ser conquistado pelos 'colonizadores'.

Botocudos porque utilizavam ornamentos de madeira, osso ou pedra, presos em orifícios que produziam nos lábios, nas orelhas ou no nariz. Temidos, porque, além de canibais, eram rústicos e bravios, afeitos à lutas sangrentas em defesa de suas áreas de sobrevivência.

Estudos antropológicos revelaram que os índios paranaenses construíam tocas e casas subterrâneas, às margens do Rio Iguaçu, para se esconderem da perseguição dos

bandeirantes paulistas, que aprisionavam índios, para vendê-los como escravos. Os tupis-guaranis dominavam as técnicas de navegação, mas preferiam 'viver em tocas' ou serem aprisionados do que atravessar o rio e serem mortos e devorados pelos botocudos.

Essa foi a última região 'conquistada pelo homem branco' no Sul do Brasil. E foi uma conquista difícil, pois a região era densamente habitada por animais ferozes, o clima era implacável e a Mata Atlântica dificultava o deslocamento por terra. Os botocudos resistiram até mesmo aos sanguinários bugreiros, contratados pelos colonizadores da região litorânea para exterminar os 'bugres', 'aqueles nativos impertinentes'.

Como resultado desse caldeirão de forças naturais, restou o modo violento de viver, seja em relação ao meio-ambiente, seja na relação com as pessoas. Agressividade humana recíproca e voltada para a mesma 'terra' que deu berço à violência. A caça predatória (não mais como meio de subsistência, mas como auto-afirmação masculina), jogos viris, brigas e assassinatos como instrumentos para prolongar a cultura do machismo, abalada pela urbanização cada vez mais intensa, que restringia o uso da força como valor intrínseco, e pelo declínio da importância da valentia, como qualidade humana.

Na História da Humanidade, percebemos que, nas sociedades matriarcais, a violência é limitada às necessidades de defesa, talvez porque as mulheres, livres desses recalques, em lugar nenhum da terra ou da história, ameaçaram o equilíbrio ecológico, com ações para afirmar seus egos.

Em breves 90 anos de 'colonialização', foi destruída a flora e quase extintas as milhares de espécies animais nativos. O índio convivia com a natureza, dela se alimentava, por isso a considerava divina e a tratava com devoção. O índio não vendia árvores, matava animais 'por esporte'. As leis humanas e as leis naturais não estão sendo respeitadas e, em breve, pagaremos por esses crimes, mesmo que os autores sejam 'os outros'.

É lamentável a corrida às espécies raras, sejam animais ou vegetais: "Vamos matar, antes que se acabem..."

ECOLOGIA CULTURAL

-Luis, eu vou te contar a malvadeza que fizeram com o capão de mato do Cemitério dos Jagunços, nos campos dos Mirandas. Alguém tocou fogo ...

-Então, queimaram o cemitério? Aquilo tinha só madeira ...

-Não. Acho que não ... o cemitério é limpo. Talvez não.

-Precisamos ver o estrago e bater umas fotos. O promotor de Telêmaco Borba, um filho de Canoinhas, aquele que também gosta e defende nossas coisas, tem interesse de ver o cemitério.

-Não entendo porque o povo pode detestar e distorcer tanto essas vítimas da Guerra do Contestado!

-Essa imagem foi lançada pelos coronéis e pelo governo, que medrosamente deturpou os fatos e difamou o matuto que lutava pela posse da terra que era só sua. Hoje, sabemos das razões sociais e econômicas que geraram a guerra desumana e homicida. O caboclo só queria um rancho e uma rocinha ...

-Mas, como podem dizer tantos perigos, ameaças e ataques que Canoinhas sofreu da parte dos 'jagunços'?

-Jagunços? De que lado?

-Sim, sim. A História oficial considera que os caboclos armados com facões de cambuim eram os 'perigosos jagunços'. No entanto, os mais sanguinários e bem armados eram os jagunços dos coronéis, os vaqueanos.

-Como te digo: o governo e os coronéis armavam os que matavam a sangue-frio e as notícias e os relatórios.

-Além do que os historiadores mostram fotos de vaqueanos ameaçadores, escrevendo embaixo que eram fanáticos sarcásticos.

-Bem, tinha bandido nos dois lados. Nem todos os seguidores do Monge eram santos. Muito malandro se infiltrou no movimento para eliminar seus desafetos, inimigos e credores.

-Veja bem, o reduto se amontoavam interesseiros, fanáticos e bandidos. Os chefes interesseiros usavam as massas para obter poder e amealhar fortuna; muitos dos jagunços eram mercenários contratados pelos chefes; e os crentes fanatizados formavam angélicos exércitos de São Sebastião, lutando pela volta da monarquia, de um governo que respeitasse seus direitos, além de conquistar o céu.

-É. Mas, esses jagunços eram foragidos da lei, marginais, conhecedores de armas, de estratégia de guerra, de táticas de combate que garantiam vantagens na luta; vencer era uma questão pessoal. Roubavam, saqueavam, violentavam e conseguiam vingar.

-E tinha muitos outros que sofriam ameaças, eram arrebanhados a força ou se achegavam ao grupo em busca de proteção.

-Como se vê, os jagunços eram minoria, apesar de comandar e de aparecer mais nas lutas.

-Barbaridades mesmo, cometeram os vaqueanos, soldados e coronéis Mataram, estupraram e cometeram mais atrocidades que os fanáticos poderiam imaginar.

-É claro que sim, mas isso se deu porque os soldados não andavam acompanhados de mulheres e de crianças. Logo, das maiores atrocidades estavam livres. Segundo, eram quem atacava, sendo portanto invasores e não invadidos.

-Isso não justifica o desrespeito à família e à moral. Os soldados e, principalmente, os vaqueanos estupravam e violentavam sem dó.

-É, mas os fanáticos desenterravam os corpos de suas vítimas e o cemitério deles ainda está lá.

-Acontece que morto não sente nada e as famílias chacinadas eram vivas e sensíveis.

-Deixa pra lá ... Qualquer hora, a gente vai verificar com está o cemitério.

MDias, 05ago79

A LUTA FAMILIAR

A vida em família poderia ser agradável, compartilhada e cooperativa. Mas, a família é formada por pessoas que buscam garantir individualidades singulares, o que determina, mesmo que encoberta, uma competição não-declarada. De forma similar, em pequenas comunidades – vistas como ‘famílias sociais’ – , a luta por papéis gera competições entre pessoas e entre famílias. Como as competições são de intensidade variada, o clima das relações familiares pode ir de ótimo a péssimo. E, sendo uma competição entre irmãos ou entre vizinhos, será também uma competição em casa e no trabalho.

Genericamente, as relações pais-filhos contêm um certo grau de cuidados pessoais, como tentar dominar, evitar a submissão, controlar as relações de poder e explorar ao máximo a vida em família, seja nos seus aspectos mais desejados – como acolhimento, conforto, amizade, sinceridade, segurança e amor – seja aspetos indesejáveis – como inveja, ciúme, tirar vantagens e ludibriar.

Dentre as expectativas filiais, está a perspectiva de uma ‘herança’, para ‘começar a

vida'. Antigamente, quando os filhos 'trabalhavam para os pais', receber bens herdados era quase que um direito pelo trabalho prestado gratuitamente. No entanto, nesse terceiro milênio, são raros os filhos a serviço dos pais; a realidade é quase oposta, pois muitos filhos vivem às expensas dos genitores, mesmo depois de adultos. Por isso, os pais defendem o patrimônio construído com esforço, pois essas economias são uma segurança para a velhice. Sabem que muitos filhos costumam dissipar seus dotes com avidez.

O convívio familiar e comunitário, que poderia ser simples, alegre e prazeroso, termina sendo uma batalha.

Felizmente, há muitas exceções. Seja de grupos familiares mais conscientes e críticos, seja de pessoas que, diante de situações favoráveis, tomam atitudes abnegadas.

Um casal de amigos, empresários sem herdeiros, decidiu que, após a morte de ambos, todos os seus bens materiais serão divididos entre as pessoas que para eles trabalham. Por isso, se sentem seguros, leves e tranquilos, a empresa cresce sem esforço e eles não precisam acumular riquezas ou se preocupar com o inventário. Por outro lado, os empregados trabalham com dedicação e zelo, pois a empresa será a herança deles.

Cada trabalhador estará, em última instância,
trabalhando para si mesmo.

NOSSA PARTE

No transcorrer de uma viagem, ouvi um diálogo sobre a vida em edifícios de apartamentos.

Um senhor de meia idade lamentava a vida de prisioneiro em seu prédio, mal cuidado, mal visto, no qual nada funcionava direito, onde as pessoas mal se conheciam e em nada colaboravam.

Seu companheiro de poltrona, mais jovem e, aparentemente, bem mais pobre, contradizia. Morava em um edifício bonito, em que as áreas comuns eram as mais freqüentadas. Os corredores e as escadas estavam sempre tomados por crianças brincando, conversando ou estudando. Havia uma churrasqueira com bastante espaço e lá, todo dia, acontecia alguma coisa. Frequentemente, os moradores do condomínio se reunião e deliberavam consertar isso, construir aquilo, ampliar, pintar, ... Eles mesmos executavam muitos desses trabalhos, em mutirão. Os apartamentos, que eram pequenos, pareciam grandes, pois eles 'moravam' em todo prédio.

O senhor retrucou que tinha algum dinheiro e que queria comprar um apartamento no prédio do outro. Só que o apartamento a ninguém interessava e, se encontrasse comprador, o dinheiro conseguido mal daria para a 'entrada' no apartamento desejado.

Nesse ponto a viagem deles terminou e eu continuei a meditar.

Quem faz o 'condomínio' são as pessoas que nele habitam. Se construirmos dois prédios exatamente iguais em locais diferentes, depois de pouco tempo, serão prédios diferentes e chegará um dia em que perderão até mesmo as características arquitetônicas, que foram idênticas.

Lembrei que as ruas, os bairros e as cidades também são condomínios. Se minha casa não valoriza é porque meu condomínio não funciona. Por isso, existem bairros que se tornam agradáveis de se morar e locais indesejados, donde, quem pode... sai.

Como está a minha cidade? As ruas estão limpas, cheias de crianças a brincar, a iluminação pública funciona e os jardins são bem cuidados? As praças... como estão as praças? Será que as pessoas vão às praças, lá conversam e conseguem rir?

As praças públicas refletem a alma da cidade.

Mario Tessari – texto publicado em Canoinhas (SC), em 27.04.90

PAPAI ESTÁ VIVO

Saul saiu do escritório ao meio-dia de sábado como se fosse segunda-feira. Sem entusiasmo. O beber e o festejar não animavam o moço nos seus vinte anos.

Por certo, haveria mulheres e algumas cervejas, mas não preencheriam a orfandade recente. Perdera o pai numa doença breve e temia recordar todo aquele sofrimento.

A tarde de sábado é para ser alegre e limpa, com cheiro gostoso de banho e de lavanda; com rapazes lambidos perambulando, parando em bares, diante de vitrines ou paquerando nas esquinas, medindo as mulheres com olhos masculinos.

O adolescente Saul se sentia atraído pelas mulheres por puro instinto animal, não cultivava sentimentos afetivos mais elevados; o amor ainda dormia inconsciente, como príncipe imaginário de feições incógnitas, que não exercia poder sobre ele, por ser muito jovem.

Mas, apreciar, apreciava... Focava intensamente cada ponto, cada curva do

corpo delas, como se fosse um perito analisando joias raras.

Guilherme o encontrou assim, absorto a admirar a morena de pele orvalhada pelo viço da juventude.

-Êi! Êi! Acorda. Que bicho te mordeu?

O olhar de Saul demorou um pouco a despregar da imagem feminina e, depois, volveu a cabeça lentamente, como que emergindo de sono profundo. A pergunta cruzou o foco mental com intensidade e vigor, mas com entendimento diferente, mais ligado ao drama pessoal que acabara de viver. Guilherme tinha pai, o domingo traria festa à mesa tradicional.

-Guilherme ... é bom ter pai?

Assim, à queima-roupa, difícil encontrar resposta simples para pergunta tão complexa.

-Não sei...

-Como: Não sei...?

-Bem. Digamos que é uma m.... e enche o s... Não traz proveito.

-O quê? Você não gosta de teu pai, que protege a família, que conversa contigo e te dá conselhos e ... dinheiro?

-Que conversa, que nada. Ele quer tomar conta da vida da gente, falar o que pensa. É muito exigente e reclamão. Fica metendo

regras em tudo... com cobranças o tempo todo.

-Barbaridade! Você despreza o próprio pai. Parece que deseja que ele morra.

Saul ruborizou. Dissera besteira sem pensar. Que mancada! O pai de Guilherme morto ... Realmente, falara demais.

Ficaram mudos, com olhares vagos. Nenhum teve coragem de quebrar o silêncio. Seus pensamentos corriam pelos labirintos do cérebro como formigas sobre um formigueiro destruído. Saul se envergonhava de trazer consigo lembranças de um pai benquisto, que não morava em bares e não blasfemava, que apoiava a maneira como os filhos queriam viver; que era um ídolo e um exemplo. Tinha, para si, a imagem de um pai ideal, só com virtudes, sem decepções. É possível que Guilherme tentasse ser amigo do 'velho', mas encontrasse mais defeitos do que normal, pousos pecaminosos, gastos indevidos, excesso de combustível na cuca, ...

Por um momento, julgou que a figura de pai é uma farsa, uma mau exemplo e um estorvo. No entanto, poderia ser apenas maldade do Guilherme para com o pai dele.

Saul sentia que seu pai era quase perfeito e que, mesmo morto, conversava com ele como se vivo estivesse.

MDias, 27jul79

UMA MÃE PARA QUINZINHO

Quinzinho sentava-se na terceira carteira da fila da esquerda. Era quieto e mantinha os olhos baixos; tinha vergonha de si mesmo. Começava maio e o frio evidenciava sua condição humilde. Sua roupa velha e roída já não aquecia. Aquela blusa, ganha de uma madame, tinha buracos graúdos.

Mas, não era o frio que o envergonhava. Tinha pejo de sua pouca limpeza. Há muito percebera que a mãe não tinha preocupações higiênicas e nem mesmo ela gostava de sabão e de água. Carregava à esquerda do rosto um mapa-múndi de resíduos alimentares. E era normal que nem notasse. Na roda de chimarrão de todas as tardes, as outras desenhavam igual.

Durante a homenagem à Bandeira, perdeu-se em pensamentos, que o levaram a passear os olhos pelo fila de alunos. Neles, não invejou a boa alimentação, a casa sem frestas, o bicicleta (ah! sonho...) ou os sapatos novos. Ficou a vislumbrar, através da imaginação, como seria a mãe de cada colega.

Antônio, coitado, tinha mãe idêntica; Gervásio era feliz criatura. Mesmo que paupérrimo, mantinha-se ereto em velhas limpas roupas e não cheirava a fumaça. Diziam inclusive que a mãe conversava com ele. Cacia, tadinha, tudo nele era sujeira nova. Até a mochila, com uma semana de uso, apresentava vistosas ilhas de doce e de gordura. Rotos e relaxados buracos. A mãe, que a trazia de automóvel, também vinha toda manchada de batom e de outras manchas.

Invejava mesmo era o César: educado, penteado, lavado e passado. Sabia o que fazer e o que não fazer.

-Cuidado! A mãe disse que essa fruta mancha a roupa.

É... a mãe dele sabia das coisas... ou, ao menos, as via melhor. E dividia esse olhar com o filho.

Levou um baita susto quando todos se moveram; nem notara que a Hora Cívica havia terminado.

A mãe o fizera trabalhar até o meio-dia e o despachara sem tempo para a devida limpeza. Não lhe importava o que pensassem do filho. Por isso, ao passar pelo Rio Canoinhas, lavou-se quase inutilmente. Havia mais sujeira que água. Reparou também que sua camisa estava suja. Pensou em todas as mães que reparam se a roupa dos filhos está limpa e

naquelas permitem aos filhos ‘perderem tempo’ lavando-as.

Achou triste que aqueles que têm tempo não o aproveitam para lavar-se e para lavar a própria roupa. A mãe de Quinzinho não permitia gastos inúteis com a água, nestes tempos de seca.

Poxa! Mais uma tarde se passou e ele nada aprendeu... Não que a fome tenha sido maior (já acostumou), nem aumentaram as dificuldades em matemática, nem foi culpa da caneta ruim ou da vista curta; perde-se pela tarde em nostálgicos pensamentos, tristezas íntimas, vergonhas particulares.

Novamente o serviço, a lenha, os irmãos menores, a casa escura, pouco limpa e... vazia. Habitada apenas por teias de aranhas, fofocas e brigas. Gente não morava ali. Também seu pai não se importava: ler e escrever pra quê? Estava muito bom assim como estava. Ele também não estudara e trabalhava duro para sustentar a família. O menino era que queria ser diferente, cheio de luxos.

Anoitecia e chegava a hora de ‘ir para dentro’. Apesar de ser a ‘sua casa’, sentia pouco aconchego nela. Era pouco agradável e apertadinha. Se ao menos tivesse um quarto só prá si, que manteria limpo e, nele, pudesse respirar melhor...

Após a bóia, só restava ir dormir. Deitar é fácil; difícil é dormir. Com a cabeça enterrada no travesseiro de paina, enrolou-se na humildade. Tinha algum tempo; o irmãozinho faria seu xixi lá pelas três da madrugada.

Bem que, neste mês de maio, alguma coisa poderia mudar. Quem sabe se as flores do Dia das Mães despertassem a sua da pachorra em que sobrevivia. Ah! se fosse o César, limpo e educado, fazendo boa figura! Sempre com roupa confeccionada ou comprada para ele mesmo. Não era o caso de Quinzinho: a camisa de uniforme que vestia para ir à escola já pertencera a dois irmão mais velhos e precisaria 'sobreviver' a mais outros dois.

Esteve vendo os homens: eles também se distinguem pelas 'mães'. Uns asseados, outros não. Pensou no pai: magro, sempre triste e desanimado. Deveria sofrer mais do que ele. Chegava tarde e ainda tinha de ajeitar uns cacarecos aqui e ali. Tudo estava fora do lugar. Até mesmo as teias de aranha.

Deveriam todos colorir o cartão para entregar à mamãe, naquele domingo. Quinzinho ainda não havia decidido a cor: a princípio pensara no preto e no vermelho. Sua mãe esperava com exigência esse cartão e, como outras tantas, consideraria necessária e justa a homenagem.

Sabia como seria. Muitos e muitos quinzinhos dariam cartões e a vida continuaria sem o

aprendizado na escola, nas tristezas infinitas e nas teias de aranha do Dia das Mães.

CAMPEÃO

Campeão foi um cachorro que nunca venceu ninguém; apenas recebeu nome de vencedor. Não ganhava comida apropriada, água pra beber, atenção ou importância. Mas... ia sobrevivendo...

Vivia preso a uma grossa corrente atada ao pescoço por um cadeado, cuja chave havia sumido muito tempo. A corrente era curta: tinha uns 80 cm. Depois, vinha uma sequência de pedaços de corda, de vários tipos e espessuras, velhos e carcomidos nas pedras, ligados entre si por nós cegos. Essa cadeia – em dois sentidos – terminava num pau podre, que ele nem percebia que apodreceu, por isso não forçava.

Ele alcançava a sombra e o abrigo da velha escola, mas uma legião de pulgas tomava conta do ninho e ele, vez em quando, (com as pulgas...) era levado para céu aberto (quem dera fosse só para o céu...); as pulgas não resistiam ao sol escaldante e à chuva por dias seguidos... o Campeão resistiu por alguns anos. (Talvez, nisso foi um campeão...)

Os humanos que vivem com ele afirmavam que 'ele cuidava da casa'. Porém, nem casa ele tinha e muitas pessoas conhecidas e desconhecidas dele, passavam quase que por cima dele, diariamente, sem que ele se importasse. Ele apenas latia alegremente sempre que alguém lhe dava atenção, como por exemplo, gritando 'Vá deitar!'. Latia também para os cães da vizinhança, contando sua triste história.

Nos últimos tempos de vida, demonstrava preocupação com os cães andarilhos. Muitos urbanóides criam cachorros porque os filhotes despertam a ternura das crianças e dos velhos. Depois, os filhotes se tornam vorazes devoradores de ração e persistentes produtores de fezes fétidas e pegajosas. Então, os 'seres civilizados' logram os animais, que são convidados a passear... para 'uma viagem sem volta'. Muitos eram (e ainda são) despejados aqui na Sanga Grande e se aproximavam do Campeão, talvez para conversar, contar a tragédia deles.

Possivelmente, o 'dono do pedaço' se sentia ameaçado, pois pode que a vida dos outros cães fosse ainda pior que a dele. Aí sim, ele ficava furioso, latia ameaçadoramente e 'cuidava da casa' ... que não tinha. Os despejados logo entendiam que já não serviam como companhia e seguiam pela estrada. Então, o Campeão, sem as pulgas e livre dos invasores, ficava arrastando sua

corda-corrente sobre o lixo que jogavam ao seu redor.

Ele tinha acostumado a viver na miséria e suportar tudo com muita alegria. Porém, o organismo animal tem seus limites: sem água e sem alimentos, vai definhando à mingua. Assim morreu Campeão e nem os urubus encontraram o que de roer entre o couro e os ossos.

Paradoxalmente, o cachorro Campeão morreu derrotado pela fome e pela sede.

“Requiem aeternam dona eis.”

A OVELHA QUE MORDEU O CACHORRO

A Fófi nasceu ovelha em um ambiente humano. Órfão no parto, foi levada para um sítio em que viviam bois, vacas, galinhas, cachorros e humanos. Dentre essas categorias, coube a ela conviver com os cachorros, com quem foi amarrada e junto dos quais era alimentada, nos mesmos horários e no mesmo local.

Cresceu como cachorro e se identificava com eles, porém nunca brigaram, como é normal cachorros fazerem. Assim, sem dentadas e sem agressões, conviviam como cachorros cordiais, mesmo com a dificuldade de 'falarem línguas diferentes': ela baliava toda vez que um deles ou todos latiam. Isso, porém, não prejudicou a identificação e a amizade.

À medida que ela ia crescendo, passou a sentir vontade de comer as folhas tenras das plantas do quintal e logo percebeu que os cachorros raramente comiam capim; faziam isso somente quando acometidos de problemas intestinais, como indigestões e ataques de vermes. Aparentemente, os colegas de pátio não condenavam o estranho gosto dela, apenas olhavam para ela com

benevolência, considerando que ela fazia isso por ser muito jovem e inexperiente; a 'mania passaria' tão logo ela ficasse adulta. E assim foram se acostumando com a extravagância dela e ela ampliava o seu espaço vital, buscando folhas cada vez mais distantes.

Outro aprendizado importante foi acompanhar as pessoas como fazem os cachorros. Assim, saía ao encontro dos 'familiares' quando estes retornavam ao lar, deitava aos pés deles durante os períodos em que conversavam com vizinhos e acompanhava as pessoas nos deslocamentos domésticos, na lida com o gado e nos afazeres cotidianos. No entanto, lá dentro dela vivia um sentimento singular, diferente do dos colegas de pátio, uma mistura de mansidão com saudades do que nunca viveu. Quando ficava inquieta, se achegava a um dos cachorros e, se sentindo 'aceita', sossegava.

Como desenvolvia duas personalidades, Fófi foi ficando cada vez mais 'inteligente' e aprendia ser ovelha ao mesmo tempo em que aprendia ser cadela: se alimentava e andava como ovelha, mas dormia e defendia a casa como cachorro. Observando o comportamento dos cachorros e a reação dos humanos ao comportamento dos cachorros, aprendeu a 'avançar em intrusos', pondo a correr quem entrasse no pátio. Seguiu o exemplo dado pelos cachorros e se sentia lisonjeada com a 'gratidão' dos 'donos', que exaltavam seus

feitos com palavras amáveis e doses especiais de ração, incluindo aí alguns 'agrados'.

Coincidentemente, as crianças – e alguns adultos – sentiam medo real, o que confirmava para a ovelha algum 'poder agressivo' e a sua competência para 'cuidar da casa'. Outro aspecto relevante foi ovelhas terem lã ao redor do corpo; a lã cresce mais que ossos e carnes, dando ao aspecto do animal a impressão de um tamanho ilusório. Ouvia inclusive comentários sobre seu tamanho, como crescia rápido e como era grande e destemida. Por isso, cada vez mais, 'punha a correr' todos os elementos que despertavam ódio nos cachorros, como humanos – exceto os da 'família' ou os que frequentavam amiúde o sítio – e cachorros 'estranhos'. Com o devido esclarecimento de que 'estranho', nesse caso, era qualquer cachorro invasor do território, podendo ele ser esquisito ou, até mesmo, simpático.

Uma das conquistas de Fófi foi a liberdade de ir e vir, desde que não se afastasse muito da propriedade. A princípio, os colegas cachorros ficaram com um pouco de inveja: presos a suas correntes tinham de suportar os privilégios da colega que, solta, alcançava coisas curiosas, colocadas fora do alcance de suas correntes. As liberdades e a possibilidade de comer a toda hora eram vantagens consideráveis, em relação aos cachorros

tradicionais, que permaneciam nas cadeias e eram alimentados em horas incertas.

O que parecia ser motivo de divergência foi interpretado pelos cachorros como uma possibilidade de alcançar os intrusos, pois eles – com seus dentes afiados – estavam presos e Fófi, solta e cheia de vontade de correr, podia – por todos eles – ‘dar uma lição’ aos que ousassem adentrar em seus domínios. Assim, cada vez que eles latiam, ela saía ao encalço dos ‘invasores’, incentivada pelo alarido canino, que aplaudia a coragem e a eficiência da ‘guarda da casa’. Assim, muito vira-lata foi expulso aos atropelos.

Fófi era uma prova viva de que a coragem pode mais que dentes afiados, principalmente quando os outros correm e, impossíveis de alcançar, não podem ser mordidos.

Era. Isto é: foi. Porque, com o passar do tempo, a menina que foi presenteada com ela foi perdendo o interesse; a menina crescia mais que a lã de Fófi. E a sujeira e o mau cheiro também cresciam em Fófi, pois ela deitava nos dejetos caninos e, também, nos dejetos dela. Assim, o pelego ficou imundo e ela foi deportada para um potreiro distante.

Não sendo mais vista, perdeu a importância e os sentimentos ‘familiares’. Passado algum tempo, nem mais era lembrada pelos humanos e passou a ser uma ovelha para os cachorros. Além disso, ela tinha boas carnes e

carnes valem dinheiro. Assim, o dono dos cachorros encontrou um interessado nas carnes ovinas; recebeu um dinheiro inesperado e livrou a pastagem de uma boca voraz.

Outro e último *“Requiem aeternam dona eis.”*